



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Estudos sobre experiências de acolhimento de jovens em risco: Percurso de sucesso vs insucesso.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**

Maria Antónia Tavares Semedo

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

JUNHO 2016



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Estudos sobre experiências de acolhimento de jovens em risco: Percurso de sucesso e insucesso.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**

Maria Antónia Tavares Semedo

Sob a Orientação da **Prof.^a Doutora Armanda Paula
Cunha Gonçalves**

Resumo

O presente estudo teve como objetivo compreender os fatores diferenciadores de um percurso de sucesso/insucesso no processo de acolhimento institucional de crianças/jovens em risco. Esta modalidade de investigação recai sobre um estudo de caso do tipo instrumental de duas jovens do sexo feminino, dois técnicos de referência para as jovens, famílias e professores. Para a recolha das informações foram feitas análise do processo individual dos casos, utilizadas entrevistas individuais semi-estruturadas; YSR - questionário de auto-avaliação para jovens (Achenbach, Rescorla, Dias, Ramalho, Lima, Machado, & Gonçalves, 2014); questionário de vinculação ao pai e à mãe (Matos & Costa, 2001); questionário de ligação a professores e funcionários (Mota & Matos, 2005) e o Eco-Mapa (Melo, Vieira, Sempionato, Alves & Nascimento, 2005). As entrevistas foram analisadas com recursos ao método de análise de conteúdo semântica; os restantes instrumentos foram analisados segundo as normas de cada instrumento. Quanto aos resultados a jovem com percurso de sucesso denota uma relação de vinculação moderada com a figura materna e paterna e um laço muito forte com as figuras da instituição. A análise de conteúdo das entrevistas sugerem que ela evidência adaptação e integração positiva sem grandes dificuldade no acolhimento, percepciona a instituição como algo positivo, oportunidade na vida e necessária. Relativamente à jovem com percurso de insucesso apresenta instabilidade emocional e uma vinculação muito forte com a família de origem, sendo a figura de referência o pai. A relação parece positiva com as figuras da instituição e escolar. Relativamente análise de conteúdo entrevistas insucesso verificou-se dificuldades de adaptação/integração e experiência negativa no acolhimento, onde percepciona o acolhimento como afastamento da família e recusa a vivência no contexto de acolhimento.

Palavra-chave: Acolhimento institucional, crianças/jovens em risco; experiência de acolhimento.

Abstract

This study aimed to understand the differentiating factors of a successful path / failure in institutional care process of children / youth at risk. This research method rests on a case study of the instrumental type of two young female, two technical reference for young people, families and teachers. For the collection of information was made analysis of the individual process instances, used semi-structured interviews; YSR - self-assessment questionnaire for young (Achenbach, Rescorla, Dias Ramalho, Lima, Machado & Gonçalves, 2014); linking questionnaire to the father and mother (Matos & Costa, 2001); Connection questionnaire to teachers and staff (Mota & Matos, 2005) and the Eco-Map (Melo Vieira, Simpionato, Alves & Nascimento, 2005). The interviews were analyzed resources to the method of semantic content analysis; the remaining instruments were analyzed according to the rules of each instrument. As for the results the young successful path denotes a moderate binding relationship with the mother and father figure and a very strong bond with the figures of the institution. The content analysis of the interviews suggest that her evidence adaptation and positive integration without major difficulty in the host perceive the institution as something positive opportunity in life and necessary. Regarding the young with failure path has emotional instability and a very strong link with the family of origin, the reference figure being the father. The relationship looks positive with the figures of the institution and school. Regarding content failure analysis of interviews it was difficult adaptation / integration and negative experience in the host where the host perceives as being away from home and refuses to experience in the context of host.

Keyword: institutional care, children / youth at risk; care experience

Índice

Parte I

1. Introdução	1
2. O desenvolvimento psicossocial e risco.....	2
3. Os serviços de acolhimento institucional: Lar de infância e juventude	3
4. Fatores diferenciadores de sucesso/insucesso de crianças e jovens em risco: Aspetos positivos e negativos da experiência de colhimento.....	5

Parte II

5. Metodologia	7
5.1. Objetivos	7
5.2. Abordagem.....	7
5.3. Amostragem e participantes.....	10
5.4. Instrumentos	11
5.5. Procedimentos	14
5.6. Procedimento de validade.....	15
5.7. Procedimento de análise.....	16
6. Resultados.....	16
7. Discussão dos resultados.....	25
8. Conclusão	27
9. . Referências bibliográficas	29
10. Apêndices.....	32

Lista de siglas

IEI - Inibição da exploração e individualidade

LIJ - Lar de infância e juventude

QLE - Qualidade do laço emocional

QLPF - Questionário de ligação aos professores e funcionários

QVPM - Questionários de vinculação ao pai e à mãe

YSR - Young Self Report - Questionário de auto-avaliação para jovens

Lista de apêndices

Apêndice A – Carta de apresentação

Apêndice B – Formulário de consentimento

Apêndice C – Questionário sociodemográfico

Apêndice D – Guião das entrevistas

Apêndice E – Tabela de análise dos resultados

1. Introdução

O presente estudo encontra-se direcionado para crianças e jovens em risco em contexto institucional, neste sentido procurou-se em específico estudar os fatores diferenciadores do percurso sucesso e insucesso das jovens inseridas nestes contextos. O motivo pela escolha do tema deve-se ao fato de a população do estudo e o contexto terem despertado o interesse em realizar a dissertação nesta área.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: fundamentação teórica do tema, metodologia utilizada no estudo, resultados e conclusões. No decorrer deste estudo foram encontradas algumas limitações no que diz respeito à escassez dos estudos sobre serviços de acolhimento institucional.

Em Portugal as intervenções sociais e jurídicas junto das crianças e jovens que se encontram em situação de risco social têm vindo a realizar-se no estabelecimento de uma jurisdição especial de proteção da infância e juventude no qual enquadra os princípios e as normas consagrados em diversos diplomas nacionais principais que inclui a Constituição da República Portuguesa (CRP) e o Código Civil Português (CCP), como também internacionais que refere a Convenção Sobre os Direitos da Criança (CSDC) (Carvalho & Cruz, 2011). A proteção das crianças e jovens em risco na comunidade moderna é uma obrigação do próprio Estado Democrático que representa cidadãos e um prosseguimento lógico da definição da criança como sujeito de direitos (Pegado, Sousa & Cruz, 2008). De acordo com esta fonte a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) originou-se com o objetivo de intervir no lugar do Estado e da comunidade nas situações difíceis nos casos em que por diversos motivos de alguma forma as famílias têm dificuldade em cumprir o seu papel existindo segundo a lei para defender o superior interesse da criança pois envolvem recursos humanos e financeiros e o trabalho de centenas de técnicos e de membros da comunidade dos vários pontos do país.

Segundo Gomes (2010) refere os fatores de risco mais comuns nos pais, designadamente geracional e baixo nível socioeconómico; pais com antecedentes de maus-tratos nas suas próprias famílias; pais expostos a modelos educativos desadequados; mães adolescentes sem suporte familiar; atraso mental de um ou membros dos progenitores; perturbação da personalidade; ausência de hábitos de trabalho e dependência económica de outrem; mudanças frequentes de parceiro e residência; antecedentes de criminalidade; hábitos alcoólicos ou consumo de drogas; comportamentos ou práticas desviantes e baixa escolaridade e por outro lado os fatores

de risco na família identificadas como mais comum incluem a sobrelotação habitacional, promiscuidade; agravamento das dificuldades económicas; emprego precário ou perda de emprego; separação ou divórcio dos pais; morte de familiar ou adulto cuidador; acontecimento perturbador da dinâmica familiar; violência doméstica; integração em agregados multiproblemáticos e múltiplas e descontínuas figuras parentais. Por outro lado Gomes (2010) refere ainda que as crianças em risco apresentam pelas suas características maior vulnerabilidade e as suas potencialidades para atingirem um bom e adequado desenvolvimento podem estar comprometidas por fatores intrínseco ao sistema familiar e também extrínseco, ou seja depende se o ambiente social e económico onde a família está inserida se apresenta como fator potenciador ou como fator que provoca constrangimentos ao próprio desenvolvimento da família.

2. O desenvolvimento psicossocial e risco

Atualmente nas famílias são apresentadas situações de crise familiar e de abandonado dos menores; a condição de trabalho precário e o número de famílias com problemas ao nível da justiça e da saúde prolonga-se no tempo e aumentam o número de solicitações de institucionalização de menores em face dos disfuncionamentos na família (Carneiro, 2005). No entanto as figuras parentais e as relações de afeto e estímulo a elas associadas emergem como moderadores importantes do desenvolvimento e do comportamento da criança.

No entanto a evolução das espécies humana teve e tem um cariz social, neste sentido mesmo reconhecendo a importância decisiva das vivências precoces e a modelação psiconeurológica daí decorrente não podemos supor que sujeitos negligenciadas e abusadas na sua infância se tornam tacitamente delinquentes ou criminosos na vida adulta. Porém que muitos desses jovens não se tornam capazes de desenvolver empatia e vínculos com outro supostamente significativos como também não conseguem assumir um senso moral modelado pelas emoções e os sentimentos que conferem sentido de pertença e correspondentemente sentido de perdão ou de remorso. A adversidade num contexto de risco fundamenta-se e explica-se em função do sentido de (in) coerência que cada criança constrói no decurso das suas experiências e das adaptações que consegue edificar (Carneiro & Colaboradores, 2005). No entanto podemos assumir que as experiências precoces poderão não ter um papel tão decisivo no futuro; no entanto mantém-se intata a convicção de que algumas crianças não

conseguem resolver na adolescência e na idade adulta de forma perfeito, os problemas de algum modo ligado às cicatrizes precoces.

A investigação etiológica e comportamental mais recente tem demonstrado que as interações mãe-bebê determinantes básicas da vinculação são elas próprias reguladoras de múltiplos sistemas fisiológicos e comportamentais nas primeiras fases da vida (Gomes, 1999). As relações precoces de caráter afetiva entre bebê e a mãe ou outra figura de vinculação conduzidas pela segurança a proteção e a regulação emocional marcam o desenvolvimento psicológico do indivíduo os sentimentos existenciais básicos confiança e segurança em si própria e no outro (Bowlby & Berger, 1998, Veríssimo 2003). O comportamento de vinculação tem uma base biológica pela qual o bebê tem comportamentos específico que lhe permitem manter ou estabelecer proximidade com uma figura adulta capaz de o proteger perante uma situação de perigo e de lhe assegurar a sobrevivência, a partir do tempo despendido por determinado adulto na prestação de cuidados pela quantidade desse tempo de contato e qualidade.

3. Os serviços de acolhimento institucional: lar de infância e juventude

Segundo Fernandes e Silva (1996), lar de infância e juventude (LIJ) trata-se de uma resposta social de acolhimento para crianças e jovens em situação de perigo dos 0 aos 18 anos de idade a qual pode ser prolongada até aos 21 anos de acordo com pedido antecipado às entidades competentes. Neste sentido os objetivos desta resposta são: assegurar as necessidades básicas, fornecendo condições de vida mais aproximadas quanto possível a uma estrutura familiar, mas também fornecer meios que contribuam para o seu desenvolvimento e valorização pessoal, profissional e social em cooperação com a comunidade, escola e família.

De acordo com Gomes (2010) os recursos humanos são considerados elemento imprescindível no trabalho desenvolvido por qualquer instituição ou organização. Levando em consideração a realidade em causa, podemos considerar os recursos humanos como a base principal para garantir a operacionalização de uma boa prática em todo o processo educativo e no processo de desenvolvimento das crianças e dos jovens uma vez que os adultos cuidadores se apresentam como modelos relacionais de qualidade. No entanto é importante que os adultos que trabalham em instituições de acolhimento tenham formação na área das ciências sociais e humanas, complementada com formação específica nesta problemática dada a complexidade e especificidade apresentada pelas crianças/jovens que se encontram acolhidos e aos quais tem de ser

prestada uma intervenção de qualidade que possibilite a reparação de vivências que os conduziram a esta situação de separação da família ou dos adultos cuidadores. Por outro lado além das formações destacam como fundamental a motivação, a maturidade, a integridade, a capacidade de empatia e afeto, assertividade e capacidade para lidar com conflitos e situações de crise.

Neste sentido o desempenho da atividade em contexto institucional assenta nas características do âmbito individual como o bom senso, experiência e conhecimento técnico nunca perdendo de vista o conjunto de princípios orientadores tais como competências individuais, que se surgem sempre ao serviço de um trabalho interdisciplinar, orientado em função das necessidades das crianças e jovens acolhidos. Neste sentido é valorizada competências tais como a capacidade de interagir e estabelecer boas relações; capacidade para identificar e interpretar os sinais manifestados pelas crianças e jovens, capacidade para assumir o modelo de identidade e integridade, empatia, disponibilidade para ouvir, utilização de uma linguagem centrada nos afetos e sensibilidades (Gomes, 2010). É ainda importante que cada profissional revele uma capacidade crítica face à sua prática diária, sendo relevante e representativo de uma boa prática a criação de espaços de discussão e reflexão sobre o desempenho profissional de cada técnico. Por outro lado a privacidade e confidencialidade são direitos de todas as crianças e jovens pelo que se torna fundamental utilizar de forma responsável toda a informação conhecida ainda mais num contexto em que é fundamental que a informação circule de forma fluida entre os vários elementos da equipa.

A nível educacional e comportamental as instituições são mais estruturadas e organizadas contendo limites claramente definidos para os comportamentos da criança/jovem. A nível dos cuidados de saúde as crianças/jovens terão acesso serviços especializados para a realização de determinadas intervenções terapêuticas como a psicologia, pedopsiquiatria e terapias diversas (Martins, 2006). Neste sentido considera-se que psicoterapia individual é uma estratégia em que os psicólogos conseguem desenvolver um trabalho terapêutico, dentro ou fora da instituição com sessões individuais e grupais proporcionando ao jovem momentos de autoconhecimento, reflexão sobre a sua história de vida, vivências e comportamentos, ajudando-o a promover as mudanças necessárias à diminuição do seu sofrimento psíquico, contribuindo, assim, para melhorar a sua qualidade de vida (Gomes, 2010).

4. Fatores diferenciadores de sucesso/insucesso de crianças e jovens em risco: aspectos positivos e negativos da experiência de colhimento

Segundo a perspectiva de Teixeira (2009) para muitas crianças e jovens a institucionalização pode representar o primeiro espaço para uma socialização verdadeira e adequada, no sentido em que é um espaço onde se encontram modelos normativos, regras, limites, organização e valores capazes de exercer uma certa coação, no sentido do indivíduo assimilar modelos de conduta que lhe permitam adaptar-se ao meio e agir de acordo com as exigências de integração social. Por outro lado é também muitas vezes no espaço institucional que a criança e o jovem encontram pela primeira vez, atenção, carinho, convivência, bondade e apoio social, que podem vir a promover o desenvolvimento de capacidades para lidar com as adversidades, características de resiliência e desenvolvimento adaptativo (Delgado, 2007).

Salienta ainda que as crianças/jovens ao viver no contexto de acolhimento passam a viver em grupo o que pode ser facilitador para o estabelecimento de laços entre diferentes pares e adultos e desenvolvimento de sentimentos de pertença e cooperação relativamente ao grupo e também de interiorização de valores e padrões de conduta social o que permite ensaiar situações de tomada de decisões (Martins, 2006).

Ainda, e de acordo com Martins e Szymanski (2004) as crianças e os adolescentes em acolhimento ao conviverem com outros de diversas idades podem partilhar sentimentos positivos e negativos apoiando-se mutuamente, neste sentido a instituição também faz parte da rede de apoio social e emocional a qual disponibiliza recursos para a criança/jovem poder enfrentar os acontecimentos negativos com origem quer na família quer no mundo externo. Assim é também nas instituições que, muitas crianças e jovens estabelecem ligações afetivamente seguras e recíprocas, construindo assim parte das suas redes sociais e afetivas (Mota & Matos, 2008).

Como referimos anteriormente o contexto de acolhimento pode ainda oferecer à criança condições de vida a que esta dificilmente conseguiria ter acesso no contexto familiar, como por exemplo a prática de atividades desportivas e lúdicas, relacionamentos com outras crianças, rotinas de limpeza, higiene e alimentação, vestuário e segurança e a possibilidade de viver num contexto estruturado e dotado de especialistas, capazes de responder a determinadas problemáticas (Delgado, 2007).

Em suma, o acolhimento institucional pode ser considerado como uma nova oportunidade de ganhos afetivos para criança e jovem e seus familiares após uma ou mais falhas ao nível do contexto parental (Martins, 2002).

Neste sentido a grande parte das crianças/jovens que encontram em acolhimento institucional sofreu algum tipo de maltrato ou negligência que poderá ter afetado de alguma forma o seu desenvolvimento de acordo com diversos fatores de proteção com a sua gravidade e duração, bem como, com a idade da criança (Zurita & del Valle, 2005). A instituição pode servir como um meio de desenvolvimento para a criança ou adolescente, mas o ambiente de acolhimento institucional pode também aumentar o prejuízo do jovem quando há pouca interação cuidador-criança.

As crianças em acolhimento tendem a desenvolver alguns padrões comportamentais problemáticos, como por exemplo a dificuldade em resistir à frustração, o que pode apresentar um bloqueio básico no seu desenvolvimento psicológico, as dificuldades de relacionamento interpessoal, os sentimentos depressivos, os níveis elevados de ansiedade e de agressividade destrutiva, as dificuldades de aprendizagem e o insucesso escolar (Carneiro 2005).

Também Alberto (2003) menciona alguns aspetos que poderão ter consequências negativas perante o acolhimento prolongado no qual estes apontam para sentimento de punição que a criança/jovem percebem que ela própria está a ser punida e a diminuição da responsabilidade familiar em que pode haver uma desqualificação da família e do seu meio quanto ao seu papel e à confiança dos seus recursos. Assim como as funções parentais desqualificadas levando ao afastamento da criança/jovem incluindo estigmatização e discriminação social, construção de estereótipos construídos através das imagens sociais sobre dos sujeitos em acolhimento que poderá conduzir à discriminação social negativa e muitas vezes provoca sentimentos de auto-desvalorização e auto-discriminação da criança/jovem em acolhimento.

Acrescenta ainda que a função de controlo social das desigualdades parece estar associado às famílias em situação socioeconómica precária neste sentido este aspeto poderá ter a função não só de proteger a criança mas também de controlar socialmente determinadas famílias ou grupos sociais.

Esta possibilidade de rejeição social poderá também estar associada a problemas interpessoais como referem Lemos e Meneses (2002) que salientam os défices nas habilidades sociais levam a dificuldades em desenvolver e manter relações interpessoais satisfatórias, dificuldades na aceitação social pelos pares e professores e a dificuldades em ter um comportamento pro-social. Estas dificuldades levam a dificuldades mais abrangentes nas áreas de funcionamento educacional, psicossocial e vocacional, e estão muitas vezes, associadas a abandono escolar, delinquência.

No ponto de vista de Linares (2002) o acolhimento institucional como medida de proteção da criança e jovem pode originar a carência, insuficiência ou negligência, quando os recursos disponíveis não são suficientes para responder ao problema com expectativas razoáveis de resolvê-lo, portanto esta medida pode ser benéfica desde que estejam asseguradas as condições básicas que visam o bem-estar e qualidade de vida das crianças e jovens.

5. Metodologia

Em seguida são ilustradas a metodologia e abordagem de estudo, e também a caracterização dos participantes, descrevendo os instrumentos e os procedimentos utilizados na recolha e análise dos dados.

5.1. Objetivos

O presente estudo teve como objetivo geral identificar e compreender os fatores diferenciadores de sucesso/insucesso no processo de acolhimento institucional de crianças/jovens em risco.

Partindo destes objetivos gerais foram delineados os seguintes objetivos específicos: caracterização do perfil dos jovens em acolhimento institucional; caracterização dos serviços de acolhimento; caracterizar a experiência de acolhimento; caracterização da família de origem dos jovens em acolhimento; caracterização da experiência escolar dos jovens em acolhimento; caracterização da interação entre a instituição e a comunidade.

5.2. Abordagem

O presente estudo é de natureza qualitativa, em que a modalidade de investigação foca-se num estudo de caso de jovens em acolhimento institucional em que se pretende identificar e compreender os fatores diferenciadores de sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional.

Do ponto de vista de Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa apresenta diversas características no qual ocorre no ambiente natural e frequentemente o investigador vai ao local dos participantes para recolher os dados onde usa-se vários métodos de recolha de dados e uma participação ativa por parte do investigador e também no processo de investigação as questões de investigação podem ser alteradas e redefinidas durante o processo.

O método de investigação qualitativa procura interpretar e compreender a realidade exactamente como ela é, permitindo descrever um fenómeno em pormenor

através da apreensão das percepções pessoais e significados dos sujeitos, neste sentido os dados recolhidos são muito rico nas suas perspectivas e ponto de vista de um determinado assunto (Bogdan & Biblen, 1994). Assim também Ludke e André, (1986) referem que é neste processo de identificação e reconhecimento que na abordagem qualitativa lida com os enviesamentos e limita as ilações do senso comum.

Por ser um estudo de natureza qualitativa procurou-se compreender de uma forma mais profunda os problemas, que estão por trás de determinados comportamentos, atitudes ou convicções, no entanto neste tipo de paradigma o investigador é um instrumento de recolha de dados por excelência porque a própria qualidade dos dados depende muito da sua sensibilidade, integridade e do seu conhecimento, por outro lado este paradigma de investigação fornece-nos informações acerca do ensino e da aprendizagem que não consegue obter-se de uma outra forma como por exemplo através de uma observação aprofundada e planeada de uma pequena enterração com o indivíduo podem estudar os processos cognitivos que utilizam na resolução das situações problemáticas (Fernandes, 1991).

Neste sentido a presente investigação incide sobre uma situação específica do percurso sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional de jovens acolhidos de 14 e 19 anos, esta modalidade de investigação, recai sobre um estudo de caso do tipo instrumental. Segundo Stake (1995) distingue estudo de caso intrínseco, instrumental ou coletivo, neste sentido o que interessa neste trabalho de investigação é o estudo de caso instrumental cujo objetivo principal é estudar o caso em particular de sucesso e insucesso no sentido de proporcionar a observação sobre o mesmo e também procura favorecer e contestar uma generalização aceita ou seja considera mais importante otimizar a compreensão do caso.

Portanto para a realização deste estudo tendo em conta o caso de sucesso e insucesso foram utilizados seguintes critérios para escolher os casos de estudo onde o primeiro designado de percurso de sucesso cumpre os seguintes critérios como a ocorrência de uma boa adaptação à instituição, a compreensão e integração do motivo e razão do acolhimento, a capacidade de estabelecer e criar laços com os elementos da instituição.

Relativamente ao percurso de insucesso que cumpre os seguintes critérios como a ocorrência de uma má adaptação à instituição, dificuldade de compreensão e integração do acolhimento, dificuldade ou incapacidade de proceder à construção de laços significativos com elementos da instituição, processo de desenvolvimento e crescimento

peçoal que inclui (insucesso académico, permanência ou aumento de sintomas e problemas de comportamento, incapacidade em estabelecer relacionamentos interpessoais e desenvolvimento de competências de autonomia, presença de indicadores de psicopatologia “problemas de internalização e externalização”, dimensão do desenvolvimento moral “valores” não desenvolvida), indisponibilidade ou fraco envolvimento nas atividades que lhe são propostas e ausência de projeto de vida no momento da saída do acolhimento institucional.

Para a definição dos critérios foram realizadas pequenas entrevistas a profissionais de instituição que trabalham diariamente com as crianças/jovens.

Portanto para a realização deste estudo foram selecionado dois casos caracterizado caso de sucesso e insucesso de jovens em acolhimento institucional, no qual o primeiro designado de caso de sucesso trata-se de uma jovem com 19 anos de idade, frequenta o primeiro ano de universidade do curso de consultadoria, encontra em acolhimento desde 2009 na instituição atual, já esteve acolhida noutra instituição anteriormente. Este jovem é fruto de uma relação extraconjugal tem 4 irmãos (dois por parte da mãe e dois por parte do pai). Viveu com a mãe nos primeiros anos de vida, sendo depois foi entregue aos cuidados do padrinho, e de seguida acolhida por uma família de acolhimento considerada amiga da mãe onde sofria maus-tratos constantes, dos três aos 12 anos de idade. A sua história foi marcada devido aos maus-tratos físicos e psicológicos por parte da família de acolhimento. A jovem apresenta comportamento normativo e estável, sendo definida como uma jovem educada, respeitadora cumpridora de regras, de fácil relacionamento, tanto com os colegas, tanto com os elementos da equipa de trabalho.

Quanto ao caso de insucesso trata-se de uma adolescente de 14 anos frequenta 7º ano do ensino básico. Foi a primeira experiência da jovem na instituição. Antes da entrada na instituição a jovem vivia com a sua mãe e uma irmã mais nova na habitação partilhada no qual esta apresentava condições deficitária e pouco espaço onde as três partilhavam a mesma cama de dormir. Na altura a progenitora da jovem beneficiava do subsídio de abono familiar cerca 640 euros dos quais pagava a pensão 150 euros, a alimentação etc. Na altura o pai vivia numa casa partilhada da Bragahabit com poucas condições e desempregado assim como a mãe.

Encontra-se institucionalizada pela primeira vez desde 2013. Tem uma irmã que também se encontra acolhida na mesma instituição. Os pais encontram-se separados. O motivo pela qual levou ao acolhimento é devido aos maus tratos, negligência e alguns comportamentos de risco como as faltas na escola e dificuldades financeiras por parte

da família de origem e a perda da casa. No que diz respeito ao comportamento da jovem este já teve duas tentativas de suicídio antes do acolhimento e trata-se de uma jovem muito revoltada e manipuladora. Apresenta baixa auto-estima, baixo rendimento escolar, desmotivação, dificuldades na gestão das emoções e baixas competências de autonomia. A integração da jovem na instituição foi muito complicado e nunca aceitou o acolhimento. Apresenta comportamento positivo com figuras adultas e com grupo de par uma relação mais conflituosa.

5.3. Amostragem e Participantes

Para a realização deste estudo os participantes foram selecionados pelos técnicos da instituição que melhor conhece a jovem consoante as características individuais onde o estudo foi conduzido com a base nos objetivos definidos para a investigação ou seja os casos não foram escolhidos por acaso, neste sentido trata-se de uma amostra intencional (Guerra, 2006).

Os participantes deste estudo foram dois jovens do sexo feminino designada uma de caso sucesso (jovem B) e outra de caso insucesso (jovem A) que estão acolhidas no lar de infância e juventude com faixa etária dos 14 e 19 anos de idade, dois técnicos da instituição de referência para as jovens, os familiares das jovens neste caso os pais presentes no percurso de vida da jovem e professor de referência para a jovem neste caso a diretora de turma.

Relativamente a jovem A tem 14 anos de idade, foi a primeira experiência da jovem na instituição. Entrou na instituição pela primeira vez em 2013. Os pais encontram-se separados. Este já teve duas tentativas de suicídio antes do acolhimento e trata-se de uma jovem muito revoltada e manipuladora com grande instabilidade emocional. A integração da jovem na instituição foi muito complicado e nunca aceitou o acolhimento no qual interpreta a instituição como afastamento da família. Apresenta comportamento positivo com figuras adultas e com grupo de par uma relação mais conflituosa.

Quanto a jovem (B) tem 19 anos de idade frequenta o primeiro ano de universidade do curso de consultadoria, encontra em acolhimento desde 2009 na instituição atual, já esteve acolhida noutra instituição anteriormente. A jovem apresenta comportamento normativo e estável, sendo definida como uma jovem educada, respeitadora cumpridora de regras, de fácil relacionamento, tanto com os colegas, tanto com os elementos da equipa de trabalho. Não apresenta dificuldades de integração na instituição no qual interpreta a instituição como uma necessidade.

Os técnicos são considerados como figuras de referência em relação a jovens, onde são consideradas como educadores de referência que melhor conhece a jovem e responsáveis pelo processo individual destes jovens. Os técnicos estão em contato direto diariamente com estes jovens inclusive outras entidades e uma ligação frequente com familiares das jovens. Trata-se de técnicos muito colaborativos com especializações em áreas diferentes (psicologia e serviço social).

No que diz respeito ao professor trata-se de uma diretora de turma de referência que melhor conhece o percurso escolar da jovem e a integração na escola e na própria turma. Tem um contato direto com a jovem na escola e apresenta um contato semanalmente com o técnico da instituição responsável pelo processo individual da jovem.

Quanto a família refere-se aos pais de ambas as jovens considerada como a figura paterna de referência presente no percurso de acolhimento da jovem com relação muito próxima e positiva da filha e da instituição. Os progenitores participam na definição do projeto de vida da jovem definido na instituição e nas reuniões quando são convocados. São considerados progenitores muito responsáveis que preocupam com o bem-estar da filha.

5.4. Instrumentos

Na realização do presente estudo para a concretização dos objetivos definidos e dar respostas às questões de investigação, os dados foi recolhido a partir de vários instrumentos. Foi feita uma análise do processo individual dos casos, utilizadas entrevistas individuais semi-estruturadas; YSR - questionário de auto-avaliação para jovens (Achenbach, Rescorla, Dias, Ramalho, Lima, Machado, & Gonçalves, 2014), questionário de vinculação ao pai e à mãe (Matos & Costa, 2001); questionário de ligação a professores e funcionários (Mota & Matos, 2005) e o Eco-Mapa (Melo, Vieira, Sampionato, Alves & Nascimento, 2005).

A entrevista trata-se de um instrumento de recolha de dados que mais se adequa à natureza exploratória deste estudo, potencializando a aquisição de um maior conhecimento e uma profundidade sobre a temática estudada (Ghiglione & Matalon, 2001). Ghiglione e Matalon (1997), referem que a utilização de uma entrevista para a recolha de dados torna-se pertinente quando pretendemos estudar as atribuições que os sujeitos fazem de determinado fenómeno, dado que este tipo de instrumento permite saber como é que o indivíduo explica e que significados atribuem aos acontecimentos, o

que não saberíamos verdadeiramente se ele não o tornasse explícito. Portanto o carácter semiestruturado da entrevista permite um maior grau de flexibilidade na exposição das questões e conseqüente aprofundamento permitindo ao sujeito participante a liberdade de falar sobre conteúdos específicos que considera pertinentes para a compreensão da sua visão sobre o tema estudado. Neste sentido isto resulta numa irregularidade no que concerne à ordem e linguagem pela qual as questões foram colocadas aos diferentes participantes do estudo. Não obstante, considera-se que esta postura permite uma expressão aberta e mais liberta de constrangimentos, maximizando a diversificação e riqueza dos dados recolhidos (Bogdan & Biklen, 1994).

No que concerne na preparação do guião de entrevista do presente estudo tivemos rigor de não introduzir questões que não fossem pertinentes para o estudo. Na construção do mesmo cada questão feita correspondeu um conjunto de objectivos previamente definidos. Foram construídas no total de quatro versões das entrevistas diferentes para (jovens, técnicos, família e professor) no qual as questões variam no máximo de vinte e um e no mínimo dezassete perguntas correspondentes aos objectivos de estudos definidos. Na construção das entrevistas levamos em considerações as perguntas mais específica evitando as questões menos pertinentes como a identificação sociodemográfica dos participantes no qual foram possíveis na análise dos processo individuais dos jovens. As questões foram organizadas segunda a lógica sequencial dos objectivos. No entanto esta organização do guião permitiu uma maior margem de à vontade e de liberdade de resposta sem perder a finalidade das questões colocadas (Bogdan & Biklen, 1994). Neste sentido a entrevista semi-estruturada foi aplicada a todos os participantes do estudo. Quanto ao questionário de auto-avaliação para jovens – YSR¹ é um instrumento para jovens entre os 11 e os 18 anos, sendo composto por uma descrição simples de comportamentos problemáticos que estes devem cotar com 0 (a afirmação não é verdadeira), 1 (a afirmação é algumas vezes verdadeira) ou 2 (a afirmação é muito verdadeira), tendo em conta os últimos 6 meses. As questões do YSR foram elaboradas de forma a obter-se a percepção do jovem sobre si mesmo e em relação às suas competências ou dificuldades individuais ou grupais. Aborda questões pertinentes que possibilitam a compreensão de problemas emocionais que, devido à sua

¹ Quanto ao instrumento YSR foi aplicada a jovem A e não foi aplicada a jovem B uma vez que este trata-se de um inventário de comportamentos auto-aplicável para jovens dos 11 aos 18 anos, neste sentido a jovem B tem a idade superior a 18 anos portanto consoante as normas do instrumento não pode-se aplicar a jovem com idade superior a 18 anos.

natureza subjetiva, não são facilmente avaliados ou observados (Achenbach, Rescorla, Dias, Ramalho, Lima, Machado, & Gonçalves, 2014).

No presente estudo recorreu-se à versão mais recente aferida à população portuguesa (Achenbach, & colaboradores, 2014). O questionário divide-se em duas partes. A primeira é constituída por itens relacionados com competências, atividades e interesses sociais dos jovens. A segunda parte é constituída por 112 itens relacionados com problemas específicos do comportamento que compõem a escala total de problemas, que engloba 8 subescalas: ansiedade/depressão, isolamento/depressão, queixas somáticas, problemas sociais, problemas de pensamento; problemas de Atenção, comportamento delinvente e comportamento agressivo. Neste grupo, ainda existe um conjunto de 10 itens designados como “Outros problemas” mas sem significado clínico.

Achenbach (1991) realizou análises fatoriais de segunda ordem que permitiram extrair dois fatores de externalização e internalização. O primeiro corresponde a síndromes em que as problemáticas incidem em conflitos com o ambiente ao passo que os problemas de internalização envolvem conflitos com o *self*.

Relativamente ao instrumento Eco-mapa segundo Melo, Vieira, Sempionato, Alves e Nascimento, (2005) trata-se de um modo de registo sistemas alargadas, portanto quando trabalhamos com uma família teremos de ter em consideração não só o seu funcionamento interno ao nível da dinâmica dos seus subsistemas mas também toda a rede existente à sua volta. Identifica as relações e ligações da família com o meio onde habita; o Ecomapa não é mais do que uma representação gráfica das ligações de cada uma das jovens às pessoas e estruturas sociais do meio em que habita, desenhando, poderíamos assim dizer, o seu sistema ecológico. Identifica os padrões organizacionais e a natureza das suas relações com o meio, mostrando-nos o equilíbrio entre as necessidades e os recursos. Através deste diagrama é possível avaliar os apoios e suportes disponíveis e sua utilização. (Melo, Vieira, Sempionato, Alves & Nascimento 2005).

No que diz respeito aos questionários de vinculação ao pai e à mãe QVPM segundo Matos e Costa (2001) é um instrumento de autorrelato destinado a avaliar as representações que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente à qualidade da sua vinculação com cada uma das suas figuras parentais. Contudo este instrumento permite assim aceder à vinculação numa abordagem dimensional (com itens construídos de acordo com seis dimensões conceptuais da vinculação: procura de proximidade, o

porto seguro, a ansiedade de separação, o medo da perda, a admiração e a base segura) (Matos & Costa, 2001). Este instrumento é composto por 30 itens que se organizam em torno de uma estrutura de 3 fatores constituídos por 10 itens cada: inibição da exploração e individualidade (IEI), qualidade do laço emocional (QLE) e ansiedade de separação e dependência (ASD). As respostas ao questionário são efetuadas através do uso de uma escala de tipo likert de seis pontos, de acordo com aquilo que os jovens pensam e sentem acerca de cada um dos seus progenitores. As qualidades psicométricas deste instrumento têm vindo a ser amplamente testadas com diversas amostras independentes, sendo que têm sido verificados adequados indicadores de validade e fiabilidade (Matos & Costa, 2006).

Relativamente à validade foram realizados estudos correlacionais e estudos que procuram avaliar a sensibilidade do instrumento às diferenças entre grupos e também foi realizada a análise de *clusters* para classificar os sujeitos com objetivo de testar em que medida o instrumento permite a deteção de configurações específicas e com significado ao nível da teoria da vinculação. No entanto os estudos realizados demonstraram ainda a sensibilidade do instrumento às diferenças de género tanto dos adolescentes como dos pais (Matos, 2002).

Quanto ao questionário de ligação a professores e funcionários QLPP segundo Mota e Matos, (2005) trata-se de um questionário de auto-relato para avaliar qualidade das ligações a figuras afetivamente significativas para além das figuras parentais neste caso a percepção da importância da ligação aos professores e funcionários da escola (Mota & Matos, 2005). Este instrumento é constituído por 15 itens (7 para o professor, 7 para os funcionários e 1 para a escola em geral) esta versão foi construída para adolescentes de famílias intatas e adolescentes de famílias divorciadas. Paralelamente uma versão foi construída para adolescentes em acolhimento, sendo composto por 28 itens usando como base a primeira, foram acrescentados 14 itens para os funcionários das instituições e foi retirado o item geral (item 15). Trata-se de um questionário de resposta rápida estando constituído por um escala de tipo likert de 6 pontos que vai desde o discordo completamente ao concordo completamente.

5.5. Procedimentos

O primeiro contato com a instituição procedeu-se via e-mail, com a carta de apresentação do estudo onde foi feito o primeiro encontro na instituição com a diretora da instituição, cujo objetivo foi apresentar o estudo. Posteriormente aceitaram a

proposta de estudo, e conforme as disponibilidades dos técnicos foram feitas a análise dos processos individuais dos casos do estudo, em seguida foram marcadas as entrevistas com os jovens conforme as suas disponibilidades, e relativamente ao local onde foram realizadas as entrevistas as mesmas ocorreram na instituição num espaço bastante reservado, acolhedor e com a privacidade necessárias. A recolha dos dados decorreu no contexto institucional e na escola. As sete entrevistas foram feitas num período de um mês e tiveram uma duração mínima de 10 minutos e duração máxima de 59 minutos.

É de referir a importância da criação de um clima de colaboração no sentido de aumentar a quantidade de informação partilhada, pertinente para a compreensão da perspectiva da jovem. Iniciaram-se as entrevistas com uma breve apresentação da entrevistadora e dos entrevistados. Em seguida como foram de salvaguardar questões de ética que devem estar presentes num trabalho de investigação e antes da realização das questões do guião aos participantes foram novamente esclarecidos os propósitos e origem da investigação e pedido um consentimento informado livre e esclarecido.

Após garantido a confidencialidade dos dados dos participantes e dos indivíduos indicados pediu-se a autorização para a gravação de áudio das entrevistas informando-se a possibilidade dos participantes acederem posteriormente às conclusões do estudo. Posteriormente as gravações foram todas transcritas.

5.6. Procedimento de validade

Consciente da relevância da utilização de um instrumento adequado aos propósitos e características do presente estudo foi aplicada uma entrevista piloto a uma família (pais) de jovem em situação de acolhimento com características semelhantes às dos participantes do estudo. Segundo Ghiglione e Matalon (2001), era nossa intenção apurar se as questões eram compreendidas e consideradas pertinentes pelos entrevistados e ainda se o número de perguntas era adequado de modo a não causar constrangimentos. No entanto após o pré-teste da entrevista piloto à família foi possível identificar algumas dificuldades ao entrevistado a nível da compreensão das questões o que levou à necessidade de proceder a algumas alterações na linguagem mais simples e na própria organização e sequência das questões. Salienta-se que com a aplicação da entrevista piloto na recolha de dados possibilitou ainda uma experiência de treino à entrevistadora proporcionando uma oportunidade de prevenir eventuais constrangimento que poderiam surgir na sua aplicação.

5.7. Procedimento de análise

As entrevistas foram analisadas a partir de análise de conteúdo categorial, para Moreira (2009) a análise de conteúdo categorial é o que melhor permite analisar os dados recolhidos, uma vez que a mesma tem como finalidade a sistematização da informação recolhida, tornando possível identificar os temas mais repetidos pelos participantes e as associações mentais a que pretendem dar origem. Segundo Guerra (2006), a categorização permite agrupar as diferentes lógicas das perspetivas que os sujeitos nos contaram, no qual apresenta um carácter essencialmente descritivo. A categorização permite colocar em ordem o material recolhido, classificá-lo segundo critérios pertinentes encontrar variáveis escondidas que explicam as variações das diferentes realidades observáveis e ainda encontrar semelhanças e diferenças nas narrativas dos sujeitos (Guerra, 2006, Esteves, 2006).

Após a recolha e a transcrição de todas as informações, em seguida foi feita uma leitura flutuante a todo o material recolhido e em seguida foram localizadas as ideias-chaves presentes no discurso dos participantes. Na construção do sistema de categorias e subcategorias teve-se o cuidado de cumprir com o princípio da produtividade, proposto por Bardin (1995), assegurando-se que todas as categorias possibilitavam a realização de análises cientificamente relevantes. Neste sentido depois de efetuada a definição e organização das categorias e subcategorias, seguiu-se o processo de codificação, onde foram agrupadas as unidades de registo, identificadas com o número e letra correspondente.

Quanto aos instrumentos eco-mapa, YSR, e questionários de vinculação aos pais, professores e técnicos, foram analisados segundo os critérios e normas do instrumento.

6. Resultados

Relativamente ao caso de sucesso e insucesso os resultados serão apresentadas em categorias a partir da utilização de instrumentos de avaliação YSR, ecomapa, QLPM, QVPM e análise de conteúdo categorial das entrevistas.

Quanto à jovem A com percurso de insucesso com base na avaliação detalhada a partir do instrumento YSR o resultado total das escalas atingiu um valor de 67 pontos que corresponde a nota T de 63 que é considerado como normativo.

Quanto a externalização atingiu ao valor de 15 pontos que corresponde a nota T de 58 e o valor de internalização atingiu ao valor de 13 pontos que corresponde a nota T de 54, portanto ambos são considerados como normativos. Em termos da sub-escala foi possível verificar algumas dificuldades da jovem ao nível de problemas de pensamentos

na qual atingiu o valor de 10 pontos o que segundo a análise não se considera como normativo encontra-se no nível borderline.

Também na sub-escala de pensamentos e atenção a jovem A apresenta mais dificuldades onde obteve um valor muito alto de 14 pontos o que significa que não é considerado como normativo situando-se no nível clínico. De referir que esta jovem se encontra em acompanhamento psicológico.

Segundo instrumento QVPM os resultados é apresentado da seguinte forma:

a) Qualidade do laço emocional (QLE)

Relativamente QLE ao pai referente a jovem A atingiu o valor de 60 pontos o que significa que a qualidade de laço de vinculação com a figura paterna é muito forte onde referiu que concorda totalmente com os itens 2, 8 e 11 (tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo; os meus pais conhecem me bem e confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida). Ao passo que quanto à qualidade de laço de vinculação à mãe obteve um valor de 30 pontos o que significa que a qualidade de vinculação com a figura materna é média onde referiu que discorda com o item 11 e 30 (confio nos meus pais para que me apoiarem em momentos difíceis da minha vida e eu e os meus pais temos uma relação de confiança). Segundo os resultados obtidos conclui-se que existe diferença significativa na relação de vinculação ao pai e a mãe onde a jovem apresenta maior laço de vinculação com a figura paterna.

Quanto à QLE ao pai referente a jovem B obteve o valor de 44 pontos o que significa que o tipo de vinculação com a figura paterna é forte, onde a jovem demonstrou concorda totalmente com item 5 (apesar das minhas divergências com os meus pais eles são únicos para mim). Relativamente a qualidade de laço de vinculação à mãe referente a jovem B atingiu o valor de 48 pontos o que significa que a qualidade de laço com a figura materna também é forte, onde concorda totalmente com os itens 5 e 23 (apesar das minhas divergências com os meus pais eles são únicos para mim e Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento). Portanto segundo resultado apurada não parece existir diferença significativa no laço de vinculação a mãe e pai referente a jovem B.

b) Ansiedade de separação e dependência (ASD)

Relativamente à jovem A quanto à ASD referente ao pai atingiu o valor de 58 pontos o que significa que é muito alto, onde a jovem A concorda totalmente com os itens 12 e 6 (estou sempre ansiosa por estar com os meus pais e penso constantemente que não posso viver sem os meus pais). Ao passo que à ASD relativamente a mãe

atingiu o valor de 40 pontos no qual é considerada como alto cujo a jovem concorda com os itens 12 e 21 (estou sempre ansiosa por estar com os meus pais e faço tudo para agradar os meus pais). Neste sentido confirma-se que existe mais ASD da jovem A com a figura paterna que figura materna.

Quanto à ASD referente a jovem B no que diz respeito ao pai atingiu o valor de 27 pontos o que significa que a ASD referente a figura paterna é fraca no qual referiu que discorda totalmente com os itens 21 e 26 (faço de tudo para agradar aos meus pais e não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais). No que diz respeito a mãe relativamente à ASD foram também obtidas 27 pontos o que significa de igual forma que o pai sendo considerado também como fraca.

c) Inibição da exploração e individualidade (IEI)

No que se refere a jovem A à IEI referente ao pai atingiu no total de 50 pontos no qual é considerado alto onde a jovem concorda totalmente com os itens 13, 28 (os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados e os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim). Ao passo que relativamente à mãe atingiu o valor de 36 pontos o que é considerado como moderada onde a jovem discorda com o item 13 (os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados). Neste sentido considera-se que existe relação significativa referente a jovem A na escala de IEI quanto a figura paterna e materna.

Quanto a escala de inibição da exploração e individualidade referente a jovem B relativamente ao pai atingiu o valor de 26 pontos no qual é considerada como fraca onde a jovem concorda com os itens 22, (os meus pais dificilmente me dão ouvidos), em comparação com o valor de inibição da exploração e individualidade no que diz respeito a mãe atingiu também o valor de 26 ponto considerando de igual percentagem que a figura paterna no qual também é considerada como fraca.

Apesar de haver uma ligação forte há sinais de vinculação ambivalente considerado os resultados das escalas de ASD e IEI.

Com base nos resultados do QLPF os resultados é apresentado da seguinte forma:
a) resultado do questionário de ligação a funcionários da instituição e b) resultado do questionário de ligação a escola e professor

a) Resultado do questionário de ligação a funcionários da instituição

No que diz respeito a jovem A segundo o questionário de ligação a funcionário da instituição apurou o valor de 75 pontos no qual demonstrando-se que a qualidade de ligação a figuras efetivamente significativa é muito forte no qual percebe os funcionários como suporte positivo no acolhimento onde concorda totalmente com os itens 20 e 25 (sinto-me bem perto de alguns funcionários da instituição onde vivo e sinto que os funcionários da instituição onde vivo preocupam proteger-me).

Relativamente ao questionário de ligação a funcionário da instituição referente a jovem B obteve o valor de 63 pontos, o que significa que a qualidade de ligação a figuras efetivamente significativas é muito forte no qual percebe os funcionários da instituição como figuras importante no percurso de acolhimento onde concorda totalmente com os itens 4 e 18 (sinto-me que alguns dos funcionários da instituição estão disponíveis para me ajudar e na instituição onde eu vivo os funcionários confiam em mim). Neste sentido pode se dizer que tanto a jovem A como a jovem B os resultados indicam que existe uma ligação positiva com funcionários da instituição são consideradas importantes para o desenvolvimento de uma base segura.

b) Resultado do questionário de ligação a escola e professor

De acordo com o resultado apurado segundo o QLPF referente a jovem A, atingiu o valor de 52 pontos, o que significa que a qualidade de ligação a escola e funcionário da escola é alta onde concorda com itens 5, 7 e 13 (alguns professores ficam preocupados comigo; sinto que alguns professores me valorizam e sinto que na escola que frequento os professores confiam em mim). Por outro lado quanto ao questionário de ligação a escola e a professor referente a jovem B obteve o valor de 23 pontos o que significa que demonstra-se que a qualidade de ligação a universidade e funcionário da universidade é muito fraca onde a jovem B discorda totalmente com os itens 6, 11, 14 (na universidade sinto-me próximo (a) a alguns dos funcionários; na universidade sinto que alguns dos funcionários são compreensivos comigo e sinto-me bem com alguns funcionários da universidade). No entanto verifica-se que quanto a jovem A e jovem B existe uma diferença significativa na qualidade de ligação onde a jovem A demonstra maior ligação a escola e funcionários da escola que a jovem B.

Em relação aos resultados do questionário de ligação a escola e professores e funcionários da instituição (QLPF) referente a jovem B verificou-se que a jovem apresenta uma ligação extremamente baixa com os funcionários da universidade e uma ligação forte com os funcionários da instituição onde vive.

No que diz respeito aos resultados da ecomapa verifica-se que jovem A apresenta uma ligação significativa com família em particular a irmã, primos e amigos e a instituição. Identificou-se muitas figuras consideradas como importante na sua vida nomeadamente (cão de estimação oferecido pelo pai quando entrou na instituição, amigas que encontrou na escola atual referindo que ajudaram quando mais precisava).

Em relação aos resultados da ecomapa jovem B verifica-se que existe muitas figuras significativas nos que foram identificadas a instituição no todo por ter ajudado e a directora técnica da instituição incluindo a figura materna, justificando que apesar de ter uma relação distante com a mãe e que nunca conviveu desde pequena, mas gosta da mãe porque preocupa-se com ela.

Resultados da análise dos conteúdos das entrevistas

Com base nos dados obtidos serão apresentados resultados considerados mais pertinentes de acordo com os objetivos definidos do presente estudo. Neste sentido os resultados serão apresentados com base nas perspetivas dos técnicos, jovens, família (pais) e professor. Portanto na apresentação dos resultados serão organizadas consoante os objetivos no qual são apresentadas a) perfil da jovem, b) serviços de acolhimento, c) experiências de acolhimento, d) percurso escolar, e) interação entre a família e a instituição, f) constituição da família de origem antes e depois do acolhimento e g) interação entre a instituição e a comunidade.

a) Perfil da jovem

Esta categoria apresenta características da jovem segundo a percepção das figuras de referências. No que diz respeito a jovem B do ponto de vista da família é carinhosa, orgulhosa, determinada, simples, ligada aos amigos e demonstra a capacidade de gestão/auto-regulação. Quanto a jovem A do ponto de vista da família é meiga. Do ponto de vista dos técnicos a jovem B identifica-se com grupo de pares da mesma idade e não apresenta dificuldades de comportamento ao passo que jovem A é manipuladora com os pais e com um processo pessoal complicado. Verifica-se quanto a jovem A existe diferenças na percepção dos técnicos e da família em relação ao perfil da jovem, onde os técnicos consideram que a jovem A manipula os pais para alcançar os seus objetivos principalmente a progenitora.

b) Serviços de acolhimento

Relativamente a esta categoria fala-nos de tipo de apoio disponibilizado aos jovens na instituição. Do ponto de vista dos técnicos jovem B beneficiou de apoios educativos, orientação vocacional, apoio psicológico, protocolo de ajuda com os voluntariados na instituição. Ao passo que o técnico referente a jovem A refere trabalho de autonomia com a jovem, protocolo de acompanhamento psicológico com outras parcerias fora da instituição, neste sentido a jovem A encontra-se em acompanhamento psicológico, uma vez que a jovem apresenta dificuldade de instabilidade emocional assim como dificuldades na família de origem como dificuldades económicas e separação dos pais. Do ponto de vista da família da jovem B refere-se apoios no âmbito escolar ao passo que a família da jovem A refere-se apoios no âmbito escolar, na saúde oral e apoio que promove autonomização. De um modo geral a percepção da família vai de encontro com a percepção dos técnicos.

c) Experiência de acolhimento

Em relação a esta categoria refere-se aspeto positivo e negativo da jovem no acolhimento e percepção do mesmo. Do ponto de vista do técnico a jovem B apresenta experiência de acolhimento anterior, onde viveu com a mãe nos primeiros anos de vida sendo depois entregue aos cuidados do padrinho, e de seguida acolhida por uma família de acolhimento onde sofreu maus-tratos constantes dos 3 aos 12 anos de idade. A integração (atual) foi muito bem sem grandes dificuldades, a percepção de mudança da instituição como algo positivo e oportunidade na vida e necessário onde (refere que na instituição têm a oportunidade de fazer as sua própria vida e de ser alguém), demonstração de reações de acolhimento bastante positiva (dizendo que é importante porque divertem-se com colegas, e que é muito divertido), vivência do acolhimento normal, facilidade de adaptação e integração, experiência positiva e boa adaptação a instituição referindo (tem a oportunidade de conhecer pessoas novas). Apresenta uma relação positiva com os colegas os grupo de pares na instituição e técnicos. Salienta ainda a experiência da entrada universitária e preparação para a autonomização uma vez que o pai não apresenta condição para o suporte da vida futura da filha.

Do ponto de vista do técnico jovem A apresenta uma experiência negativa do acolhimento, dificuldade de integração, compreensão do acolhimento como afastamento/distanciamento da família, tentativa de fugir da instituição (já tentou fugir

da instituição), acolhimento como mudança negativa, recusa a vivência no contexto de acolhimento, desinteresse em participar nas atividades ligadas à instituição. Apresenta uma relação positiva com algumas figuras de referência na instituição. Neste sentido demonstrou-se que a integração na instituição foi negativa por motivos de grandes instabilidades emocional e grande envolvimento nos problemas familiares e grande envolvimento do pai no acolhimento da filha com presença frequente no contexto escolar (início) da filha e manifestações de expectativas irrealistas quanto ao futuro da filha e sobre a saída da instituição e transmissão de informação imprópria por parte dos familiares. Quanto ao projeto de vida definido prolonga-se para a autonomização e no plano individual salienta-se o acompanhamento psicológico.

Do ponto de vista da família da jovem B refere-se estabilidade na relação, convivência e partilha, honestidade e confiança, afeto, crescimento pessoal, ao passo da jovem A refere-se, diminuição do convívio familiar. Verifica-se que existe uma relação significativa na percepção do acolhimento da família da jovem B pois também percebe como positiva e necessária para o futuro da filha (onde refere que a minha filha lá fora não consegue responsabilizar sozinha trabalhar pagar a renda e frequentar os estudos, aqui dentro “instituição” ela já tem tudo, a comida, roupa passada, e oportunidade de fazer o curso) e a família da jovem A não aceita o acolhimento da filha onde refere (aqui não posso ver a minha filha todos os dias, ver a filha uma vez por semana é muito pouco para um pai gostava que as minhas filhas estivessem comigo).

d) Percurso escolar

Relativamente a esta categoria visa apresentar o percurso escolar da jovem antes e depois de acolhimento. Do ponto de vista do técnico jovem B no percurso escolar na instituição anterior foi estável (recebemos informações que ela estava integrada e bem adaptada a turma e a escola é uma jovem que não apresentava nota em cima da média e nem dificuldades de aprendizagem mais sim dificuldades na disciplina de matemática e sempre transitou de ano). Na instituição atual no princípio apresenta assiduidade a nível escolar, não falta as aulas, situa na média, (sempre apresentou avaliação positiva e nunca apresentou a falta disciplinar), estudava mais dentro da instituição de acordo com horário disponível (ela sempre teve um horário de estudo cá na instituição), e tinha apoio nos estudos, e mais autonomia ausência de retenção, frequentava o ensino profissional. A nova experiência universitário jovem B aponta baixo rendimento

académico atualmente, não obteve o aproveitamento acadêmico, rendimento insatisfatório (no primeiro semestre fez uma cadeira e no segundo duas cadeira), esforço insuficiente nos estudos universitários, pouca autonomia nos estudos, métodos de estudo diferente do ensino regular, estuda mais fora da instituição (porque tem trabalhos de grupo, vai para universidade tirar dúvidas e este tempo ela mesma que tem que gerir é lhe dada essa liberdade e integrou-se bem no instituto e com grupo de pares), dificuldades de gestão de horário de estudo, encontra-se um pouco perdida na universidade, neste sentido do ponto de vista dos técnicos sentem dificuldades em articular situações com a universidade e acompanhamento pouco sistemático. No entanto relativamente a jovem B verifica-se um impacto muito grande e negativo na transição do ensino profissional para o ensino universitário onde apresentou resultados insatisfatórios. A jovem A do ponto de vista do técnico apresenta baixo rendimento escolar atual, mudança de contexto escolar, não obteve aproveitamento escolar. Do ponto de vista da família refere que jovem B refere-se experiência escolar anterior estável, experiência secundário estável, baixo rendimento do ensino superior atualmente e dificuldades académicos. Ao passo de jovem A segundo a família apresenta experiência escolar inicial positiva, baixo rendimento escolar atual.

Do ponto de vista do professor jovem A apresentou uma boa integração na turma nos anos anteriores e atualmente apresenta ausência de integração na turma, interesses diferentes em relação a turma. Neste sentido verifica-se que existe diferenças no percurso escolar da jovem A e jovem B uma vez que com o acolhimento da jovem A também deu-se a mudança do contexto escolar onde sentiu dificuldades na integração em novo estabelecimento escolar o que também contribuiu de forma negativa no percurso escolar da jovem ao passo que a jovem B na experiência de acolhimento na instituição anterior não sofreu esta mudança do contexto escolar, devido a boa adaptação na escola permaneceu até ao final de ano e só depois no final do ano é que entrou em nova escola de residência. Em suma a mudança do contexto escolar também influenciou o percurso escolar da jovem A. Verificou-se também que a percepção do técnico vai de encontro com a percepção da família da jovem B.

e) Interação entre a família e a instituição

Quanto a esta categoria fala-nos acerca vivência e ligação da família com a jovem no percurso de acolhimento e ligação da família com a instituição. Em relação a

interação entre a família e a instituição referente a jovem B do ponto de vista do técnico existe uma grande diferença da mãe e o pai no percurso de acolhimento da filha, a irregularidade de contato da mãe (devido a distância, a mãe vive em França com o padrasto), incumprimento das promessas em relação a filha (confia muitas vezes quando a mãe prometia que vinha na ferias de páscoa e natal, fica com expectativa e depois a mãe não vinha) passividade da mãe em todo o projeto de vida da filha e dificuldade de fazer trabalho próximo da mãe devido a distância. Pai presente no projeto educativo da filha desde primeiro dia, preocupação por parte do pai no acolhimento da filha, relação próxima do pai na instituição com filha, contato presencial e via telefônica, situações gerida com o pai na instituição. Quanto a jovem A do ponto de vista do técnico o pai encontra-se muito presente na escola diariamente no início, pai sempre vai instituição em qualquer altura e presente para falar sobre projeto da filha, presente na definição do plano da filha, a filha mantém-se uma relação distante e conflituosa com a mãe e dificuldades na realização do trabalho próximo da mãe. Melhoria significativa das competências parentais, no acompanhamento realizado com o pai (o progenitor já beneficiou do acompanhamento por parte da instituição). Do ponto de vista da família referente a jovem B existe um contato regular e frequente com a família. Quanto a família da jovem A refere-se ausência dos contatos nos fins-de-semana e sábado (as filhas não vão para a casa dos pais aos fins de semana a visita é feita na instituição onde se encontra a filha).

f) Constituição da família de origem antes e depois do acolhimento

Relativamente a família de jovem antes e depois de acolhimento, do ponto de vista da família jovem B refere-se o pai teve relação fora do casamento, posição crítica quanto envolvimento extra conjugal, divórcio, filho a cargo da ex-mulher, tem uma filha numa relação conjugal, a jovem B é fruto de uma relação extra conjugal. Atualmente a jovem B tem dois irmãos por parte da mãe e dois irmãos por parte do pai. Anteriormente a relação do pai com a filha já foi boa/má e atualmente a relação com pai está mais estabilizada, de confiança, honestidade, partilha momentos complicado com pai, convivência próxima, e amor pela filha. A jovem B nunca teve experiência de vivência com pais biológica na infância, viveu com a família de acolhimento onde sofreu maus-tratos o que contribuiu para a entrada na instituição. O laço de convivência dos irmãos e avós paterno é distante assim como laços de irmãos maternos. Quanto a família jovem A antes vivia com a mãe num apartamento e o pai vivia numa casa de

partilha, jovem A entrou para instituição juntamente com a irmã. A relação da jovem A com o pai era bom, zangavam-se as vezes mais depois passava e atualmente a relação com o pai é considerado boa e relação conflituosa e distante com a mãe.

g) Interação entre a instituição e a comunidade

Esta categoria fala-nos sobre integração da jovem na sociedade. Quanto a interação entre a instituição e a comunidade do ponto de vista do técnico referente a jovem B salienta colonia de férias, ida as piscinas nas férias (os nossos voluntariados interessadas na ida ao cinema e circo), estudos universitários, visitas culturais, participação nas atividades no contexto universitário, convivência com grupo de pares no contexto universitário, acrescenta ainda as vantagens de participação nestas atividades como a aquisição de experiência enriquecedoras, normalização do convívio no grupo de pares e diferença na compreensão a favor e contra do acolhimento. Ao passo que a jovem A do ponto de vista dos técnicos frequenta a escola, participa no acompanhamento psicológico, convivência com grupo de pares na escola, participação na catequese, participação nas atividades na instituição com os voluntariados, aponta a vantagem como liberta de problemas e bem para o bem-estar da jovem.

Do ponto de vista da família referente a jovem B salienta a percepção da atividade comunitária aponta reduzida participação no exterior, envolvimento preferencial em atividades da instituição, e reduzida abertura na instituição enquanto a integração na sociedade fomenta envolvimento social com entrada no ensino superior, e maior liberdade e autonomia com entrada no ensino superior e importâncias destas atividades na promoção de integração social e quanto a família jovem A na percepção integração comunitária refere a participação nas atividades no exterior e participação nas atividades no exterior com a família e a importância das atividades na promoção do bem-estar.

7. Discussão dos resultados

Com o objetivo de apresentar uma discussão de uma forma mais específica e estruturada levou-se em consideração os resultados mais relevantes com base nos diversos instrumentos utilizados e as principais diferenças obtidas na realização deste estudo.

Foi possível identificar a partir da análise do instrumento QVPM relativamente a ansiedade de separação e dependência os resultados demonstram que existe uma grande diferença relativamente aos dois casos estudados, onde a jovem A apresentou resultados

mais altas tanto para figura paterna como figura materna demonstrando-se mais ansiedade de separação e dependência, por outro lado os resultados apontaram para uma baixa ansiedade de separação e dependência tanto da figura paterna como da figura materna referente a jovem B. É importante salientar o ponto de vista de Dunlop, Burns e Bermingham, (2001) que adolescentes de famílias com grande conflito interparental experimentam maior ansiedade de separação do que adolescentes de famílias com baixo conflito interparental.

Relativamente aos resultados encontrados foi possível identificar que ambos os jovens detentores do percurso de sucesso e insucesso segundo o resultado do questionário de ligação a funcionário da instituição apresentam uma forte ligação com figuras de referência na instituição considerada como importante para o desenvolvimento de uma base segura. Ao passo que o resultado do questionário de ligação a escola e funcionários da escola revelam uma baixa ligação da jovem B com funcionários da universidade e maior ligação da jovem A com o funcionário da escola. Isso ressalta-nos para Stuhlman, Hamre e Pianta (2002) defendendo a importância da construção de relações entre professor e aluno no sentido de prevenir desajustamentos emocionais, alterações comportamentais e desmotivação em adolescentes que se encontram em fases transicionais cujo risco parece estar acrescido pela percepção de menor suporte parental.

Segundo a análise das entrevistas foi possível verificar que tanto a jovem A como a jovem B apresentaram um percurso escolar anterior estável e atualmente ambos apresentam um rendimento escolar baixo, relativamente a jovem A o baixo rendimento escolar deve ao fato de dificuldade de integração no novo contexto escolar e grande envolvimento com o problema da família de origem e grande instabilidade emocional e quanto a jovem B o baixo rendimento académico atual deve ao fato de impacto negativo de mudança do ensino profissional para contexto universitário onde o método de estudo utilizado é diferente do ensino profissional.

Quanto ao resultado da análise do conteúdo das entrevistas relativamente a experiência de acolhimento demonstraram também que existe uma grande diferença em relação aos dois casos estudados. Quanto ao jovem A verificou-se que existe um impacto negativo relativamente a experiência de acolhimento onde os resultados apontaram que tanto a jovem como os familiares não aceitaram o acolhimento de uma forma natural e positiva, neste sentido a compreensão do acolhimento referente a este jovem e família é percebido de uma forma negativa como afastamento do convívio familiar e não

como uma mudança positiva para o desenvolvimento de percurso de vida da jovem. Em comparação com o resultado apurado referente a jovem B relativamente a experiência de acolhimento os resultados demonstraram uma experiência positiva do acolhimento tanto para jovem assim como familiar deste, onde aceitaram o acolhimento como natural e necessária para a vida futura, os resultados apontaram ainda a aceitação por parte do pai para a permanência da filha no acolhimento para o melhor desenvolvimento do suporte da vida futura.

No que diz respeito a relação da jovem com a família durante o acolhimento os resultados apontaram que tanto a jovem A com a jovem B a figura paterna apresenta um contato presencial e próxima com a filha no percurso de acolhimento, relativamente a figura materna apresenta uma relação mais distante com a jovem A no percurso de acolhimento onde também a figura materna apresenta uma relação distante e irregularidade do contato com a jovem B.

Apesar da jovem A e jovem B apresentarem uma história de vida muito diferente mas ambos na família de origem apresentam dificuldades económicas.

8. Conclusão

Atualmente existe três formas de respostas relativamente as crianças/jovens em risco, o de prolongada com a duração mais de 6 meses, com o lugar no LIJ o de medida de curta duração referente a centro de acolhimento temporário, que é designada de uma medida provisória com a duração máxima de 6 meses, podendo ser excedido caso seja previsível o retorno à família de origem ou quando se procede ao diagnóstico e definição de medida a aplicar. Portanto o presente estudo baseada numa metodologia de cariz qualitativa teve como objetivo geral compreensão dos fatores diferenciadores do percurso de sucesso e insucesso de jovem em risco e perceber de que forma estes fatores contribuíram para as trajetórias de vida das jovens em acolhimento.

De um modo geral o acolhimento pode ser um lugar para criar e desenvolver relações importantes e organizadoras na vida da crianças/jovens, um exemplo disso são a relações com grupos de pares que criam no contexto de acolhimento inclusive a partilha da experiência com colegas e criação de laços de vinculação significativas com figuras de referência que contribui para o desenvolvimento de uma base segura. É importante referir também que o acolhimento para muitos jovens é considerado como uma necessidade, um lugar onde recebem carinho, fazem novas amizades e

oportunidade para suporte da vida futura, um exemplo disso é um dos casos estudado no presente estudo. Neste sentido para estes jovens a relação com figuras adultas de referência na instituição sugere ser um suporte seguro.

É importante referir que os profissionais que trabalham com estes jovem em acolhimento institucional muitas vezes não tem controlo de certas situação que acontecem, como o caso de uma jovem do estudo cujo projeto de vida foi definido para a autonomização onde foi prolongado para a conclusão do curso universitário, por sua vez o contato do técnico é pouco sistemático com estudos universitários porque os técnicos não tem controlo sobre a situação e tem que confiar na capacidade da própria jovem e no que é dito, em comparação com a jovem que estuda no ensino secundário o contato é mais sistemático, os técnicos tem mais controlo sobre os estudos da jovem e estão em contato semanalmente com os professores acerca do percurso escolar da jovem.

A limitação encontrada neste estudo diz respeito a não possibilidade de aplicar todos os instrumentos a jovens e ausência de participação da família como inicialmente pretendido.

1. Referências bibliográficas

- André, A. (2005). *Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro Editora.
- Alberto, I. (2003). Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco, *In Machado, C. & Gonçalves, R. (Coord.), Violência e Vítimas de Crimes (vol. 2) -Crianças*. Coimbra: Quarteto, 223-244.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação (3ª edição)*. Lisboa: Gradiva.
- Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, 64 (7), 40-43.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cordeiro, L. (2013). *Núcleo de Apoio a Crianças e Jovens em Risco – Papel dos Profissionais para a Prevenção e Estratégias de Intervenção*. (Projeto de Mestrado) Instituto politécnico de viseu, viseu.
- Carmo, R. (2013). *Relações entre Crianças e Jovens em Instituição de Acolhimento*. (Tese de Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre.
- Carneiro, R., Brito, A., Carvalho, A., Sampaio, Rocha, D., Pedro, J.G., A., Azevedo, J., Roquette, J., & Almeida, L. (2005). *Casa Pia de Lisboa: Um Projeto de Esperança - As Estratégias de acolhimento das crianças em risco*. Cascais: Principia.
- Delgado, P. (2007). *Acolhimento familiar. Conceitos, práticas e (in) definições (1.ª ed.)* Porto: Profedições.
- Dunlop, R., Burns, A., & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent selfimage following divorce: A 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 117-134

- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em educação. *Noesis* (18), 664-66.
- Fernandes, M. A. & Silva, M. G. (1996). *Centro de Acolhimento para Crianças em Risco. Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento*. Guião técnico nº 2. Lisboa, Direção Geral da Acção Social, Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.
- Fortin, M. (2003). *O processo de investigação: Da concepção à realização* (3ª edição). Loures: Lusociência.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Texto Editora.
- Lemos, M., Meneses, H. (2002). A avaliação da competência social: Versão portuguesa da forma para professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (3), 267-274.
- Lei nº 147/99, de 1 de Setembro. *Diário da República* - I Série A, 204.
- Ludke, M; & André, A. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marujo, A. (1992). Fatores de risco na infância: o despiste precoce e a acção educativa. *Psicologia* 7 (2), (pp.185-192).
- Martins, A. (2008). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. (2 edição). São Paulo: Atlas.
- Martins, E.C. (2012). Intervenção com Crianças Institucionalizadas em Centros de Acolhimento Temporário ou Lares de Infância e Juventude. In Almeida, S.A. (Eds.), *Intervenção Psicológica e Social Com vítimas*. 79-80. Coimbra.
- Matos, P.M. (2002). *(Des)Continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso* Educação: (Dissertação de Doutoramento).
- Matos, P. M., & Mota, C. P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. Porto, Universidade do Porto, *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377.

- Pereira, P.M. (2012). Guião de Conceptualização de Caso de Crianças (6-11 anos) em Situação de Perigo. In M. Robalo (1ª ed.), *Crianças em Risco e Perigo-Contextos, Investigação e Intervenção* 106-107. Lisboa: Sílabo.
- Petersen, C. & Koller, S. (2006). Avaliação Psicológica em Crianças e Adolescente em Situação de Risco. *Avaliação Psicológica*, 2006, 5 (1), 55-66.
- Pinhel, J., Torres, N. & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, 4 (27), 509-521.
- Petersen, C. & Koller, S. (2006). Avaliação Psicológica em Crianças e Adolescentes em Situação de Risco. *Avaliação Psicológica*, 5 (1), 55-66.
- Ramião, T. d'A. (2007). *Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo*, Anotada e Comentada, (5ª Edição), Revista e Aumentada. Lisboa: Quid Juris.
- Santos, A. (2013). *Relação de Vinculação dos Jovens Institucionalizados com os Cuidadores Formais*. (Tese de Dissertação de Mestrado).
- Santos, M. & Bastos, A. (2002). Padrões de Interação entre Adolescentes e Educadores num Espaço Institucional: Resignificando Trajetórias de Risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 45-52.
- Siqueira, A. & Dell'Algio, E. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18 (1), (71-80).
- Soares, I. (1996). Vinculação: Questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, (11), 35-71.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stake, R. (2009). *A arte de investigação com estudos de caso* (2.ª ed.) (A. M. Chaves, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stuhlman, M. W., Hamre, B., & Pianta, R. (2002). Building supportive relationships with adolescents. *Middle Matters*, 11, 1-3.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (4.^a ed.). Porto Alegre: Bookman.

Yin, K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (3. Ed). Porto Alegre: Bookman.

Zurita, J., & del Valle, J.F. (2005). Acogimiento residencial. In J. P. Ochotorena, & M. I. Madariaga (Eds.), *Manual de protección infantil* 409-470. Barcelona: Masson.

Apêndices

Apêndice A

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Exmo. Senhor Doutor _____

Diretor do (a) _____

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo de Psicologia Clínica e da Saúde e do Seminário de Investigação em Psicologia, vimos por este meio pedir a vossa excelência a colaboração para participar num estudo intitulado “Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso”.

A pertinência da escolha deste tema para a realização da investigação, prende-se com o facto de o acolhimento institucional continuar a ser a medida mais utilizada para promover e proteger os direitos das crianças e jovens que se encontram em situação de perigo. Assim, através da identificação e compreensão dos fatores que estão na base do sucesso/ insucesso destas crianças e jovens em acolhimento institucional, poderão ser reajustados modelos e estratégias de intervenção no trabalho com esta população.

Objetivo do Estudo

Neste sentido, com a realização deste estudo pretendemos identificar e compreender os fatores diferenciadores de sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional de crianças e jovens em risco.

Modalidades de Participação

A presente investigação trata-se de um estudo de caso instrumental único, seguindo uma metodologia qualitativa. A investigação qualitativa, tem como objetivo compreender fenómenos sociais para os quais se dispõe de poucos dados. No que concerne à recolha de dados, esta será feita mediante diversos instrumentos (anexo 1) tais como questionários, entrevistas, instrumentos projetivos e análise documental.

Pretendemos através destes instrumentos, recolher informação junto de dois jovens e dos elementos que constituem o sistema de cada um, nomeadamente a família de origem, amigos/colegas, técnicos da instituição e a escola.

Neste sentido, não conseguimos de momento determinar nem prever o número de horas que será necessário despendido na colaboração desta investigação, contudo, o horário e a data serão sempre previamente combinados com os participantes.

Para se proceder à recolha dos dados é essencial existirem condições de conforto e qualidade no local da recolha, assim caso não seja possível recolher os dados na respetiva instituição, pretende-se-á que os participantes se dirijam à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga, a qual dispõe de um gabinete/sala para que tanto os entrevistadores como os entrevistados se sintam confortáveis.

Condições de Participação

No âmbito desta investigação, pretendemos conduzir um estudo de caso que engloba o sistema dos 2 jovens adolescentes que obedeçam aos seguintes critérios: 1) jovens que tenham sido alvos de institucionalização no respetivo centro de acolhimento; 2) jovens que obedeçam aos termos que consideram um percurso/caso de insucesso e de sucesso de acolhimento institucional.

Vantagens ligadas à participação

Para os participantes em questão, este estudo pode resultar não só num momento de reflexão, como também no seu possível crescimento pessoal.

A realização desta investigação poderá fornecer, ainda, aos outros jovens que se encontram institucionalizados, informação pertinente referente ao que se torna necessário alcançar para, também eles, se tornarem num caso de sucesso. Este estudo, visa sobretudo, fornecer um contributo para um conhecimento mais aprofundado da área referente à compreensão dos diferenciadores responsáveis que ditam um percurso de sucesso e de insucesso de um jovem em situação de acolhimento.

Riscos e Desconfortos

Não se antecipa qualquer tipo de risco ou desconforto decorrente da realização deste estudo.

Participação voluntária e abandono ou exclusão do estudo

A participação no estudo é voluntária, podendo o participante retirar-se a qualquer momento, sem que seja necessário justificar a sua decisão e sem nenhum prejuízo evidente. Os participantes podem ainda ser excluídos do estudo se não seguirem as diretivas dadas, se a sua participação na investigação provocar efeitos indesejáveis para o seu bem-estar, ou se devido ao facto de uma mudança surgida no seu estado, eles ficarem expostos a um risco particular. Os participantes serão ainda informados de qualquer nova informação suscetível de os levar a reconsiderar a sua participação neste estudo.

Carácter confidencial das informações

Toda a informação recolhida será confidencial. Apenas um grupo de investigadores terá acesso aos dados. No final do estudo, os participantes terão acesso a todos os dados, e serão informados do local onde estes serão devidamente guardados e durante quanto tempo, uma vez que ao fim de um certo período de tempo, os mesmos serão destruídos.

A confidencialidade de toda a informação será assegurada, ainda, durante a transcrição, a análise dos dados e a transmissão dos resultados do estudo.

Questões sobre o estudo (informações e urgência)

Se em algum momento necessitar de informações complementares sobre o estudo por favor contacte Maria Semedo. E-mail: mariatavaresemedo@gmail.com

data

assinatura (investigador/assistente de investigação)

assinatura (investigador/assistente de investigação)

assinatura (investigador/assistente de investigação)

Apêndice B

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

O primeiro encontro na instituição com a diretora da instituição, cujo objetivo foi apresentar o estudo. Posteriormente aceitaram a proposta de estudo, e conforme as disponibilidades dos técnicos foram feitas a análise dos processos individuais dos casos do estudo, em seguida foram marcadas as entrevistas com os jovens conforme as suas disponibilidades, e relativamente ao local onde foram realizadas as entrevistas as mesmas ocorreram na instituição num espaço bastante reservado, acolhedor e com a privacidade necessárias.

É de referir a importância da criação de um clima de colaboração no sentido de aumentar a quantidade de informação partilhada, pertinente para a compreensão da perspectiva da jovem. Iniciaram-se as entrevistas com uma breve apresentação da entrevistadora e dos entrevistados. Em seguida como foram de salvaguardar questões de ética que devem estar presentes num trabalho de investigação e antes da realização das questões do guião aos participantes foram novamente esclarecidos os propósitos e origem da investigação e pedido um consentimento informado livre e esclarecido.

Após garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados dos participantes e dos indivíduos nomeados como detentores de uma trajetória de vida de sucesso e insucesso pediu-se a autorização para a gravação de áudio das entrevistas informando-se a possibilidade dos participantes acederem posteriormente às conclusões do estudo. Comunicou-se ainda aos participantes que as gravações seriam eliminadas logo após o término deste trabalho de investigação.

Título do Projeto: Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso.

Investigadores: Maria Semedo (mariatavaresemedo@gmail.com)

Elvina Vieira

Ana Lage

Catarina Teixeira

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora _____

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo de Psicologia Clínica e da Saúde e do Seminário de Investigação em Psicologia, vimos por este meio pedir sua colaboração para participar num estudo intitulado “Experiências de crianças e jovens em risco: diferenciadores de um percurso de sucesso e insucesso”.

Objetivo do estudo

O objetivo deste estudo visa identificar e compreender os factores diferenciadores de sucesso e insucesso no processo de acolhimento institucional de crianças e jovens em risco.

Instrumentos

O estudo terá como instrumentos entrevistas, questionários, instrumentos projectivos e análise documental.

Pretendemos através destes instrumentos, recolher informação que advenha dos elementos que formem o sistema referente a cada jovem, nomeadamente os técnicos, a família, os amigos/colegas e a escola.

A recolha dos dados será efetuada na respetiva instituição, contudo, caso não existam as condições necessárias que satisfaçam um clima relacional de qualidade, pretender-se-á que os participantes se dirijam à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga, a qual dispõe de um gabinete/sala para que tanto os entrevistadores como os entrevistados se sintam confortáveis.

Duração prevista

No caso de se dispor a participar no presente estudo de caso, não conseguimos de momento determinar nem prever o número de horas que será necessário despendido na colaboração desta investigação, contudo, o horário e a data serão sempre combinadas com os participantes.

Riscos e Desconfortos

Não existem quaisquer riscos e desconfortos inerentes à participação dos jovens neste projeto de investigação.

Principais Vantagens

Caso decidir participar na presente investigação, este estudo pode resultar não só num momento de reflexão, como também no seu possível crescimento pessoal.

A realização desta investigação poderá fornecer, ainda, aos outros jovens que se encontram institucionalizados, informação pertinente referente ao que se torna necessário alcançar para, também eles se tornarem num caso de sucesso. Este estudo, visa sobretudo, fornecer um contributo para um conhecimento mais aprofundado da área referente à compreensão dos diferenciadores responsáveis que ditam um percurso de sucesso e de insucesso de um jovem em situação de acolhimento institucional.

Confidencialidade da informação

Todos os resultados recolhidos serão tratados de forma confidencial. O material gravado será conservado num local seguro à responsabilidade dos investigadores. Os resultados serão apresentados mais tarde e os participantes não serão identificados. Os participantes neste estudo terão acesso a todos os dados recolhidos e ao decurso da investigação em causa.

Participação voluntária ou abandono

A escolha da participação é voluntária. Se decidir não participar, não sofrerá qualquer consequência pejorativa; poderá desistir em qualquer momento. Os participantes serão ainda informados de qualquer nova informação adicional que possa surgir no decurso da investigação, susceptível de os levar a reconsiderar a sua participação neste estudo.

Contatos

Caso tenha alguma questão ou dúvida, ou se por ventura quiser desistir, por favor contacte a investigadora responsável acima referida onde é fornecido o respetivo e-mail.

Investigadores: Ana Lage, Catarina Teixeira, Elvina Vieira, Maria Semedo.

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora _____

Reconheço que os procedimentos de investigação descritos na carta anexada me foram explicados e que me responderam de forma satisfatória a todas as questões. Compreendo as vantagens que há na participação do estudo. Compreendo igualmente

que tenho o direito de colocar, agora e durante o estudo, qualquer questão sobre o estudo, a investigação ou os métodos utilizados. Asseguraram-me da minha confidencialidade.

Pelo presente, consinto que a minha entrevista seja gravada em áudio durante a minha participação neste projeto de investigação.

Compreendo que caso queira desistir do estudo, poderei fazê-lo, uma vez que a identidade não será revelada.

Pelo presente documento, eu _____
_____ aceito participar plenamente neste estudo.

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Para qualquer questão, contactar a investigadora responsável cujo endereço de e-mail é fornecido na carta de consentimento.

Apêndice C

QUESTIONÁRIO SOCIO DIMOGRÁFICO

Informação do processo

Informação sociodemográfica

Nome: _____

Gênero: _____

Ano de nascimento: __/__/__

Idade: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Morada: _____

Experiência de acolhimento

Motivo do acolhimento

Processo de admissão

	Dados relevantes
Problemática subjacente	
Situação escolar	
Comportamento	
Atividade na comunidade	
Saúde	
Projeto de vida	

Familiares ou outras pessoas significativas

Nome	Grau de parentesco	Zona de habitação

Comportamentos e atitudes na primeira fase do acolhimento

Descrição da apresentação física da jovem	
Descrição global das primeiras reações da jovem	
Descrição dos comportamentos para com os adultos	
Descrição dos comportamentos para com os outros jovens	
Hábitos alimentares	
Sono	

III - Plano individual

Avaliação diagnóstica

Comportamentos e atitudes no contexto institucional

Hábitos e gostos/interesses

Outras informações (dados relevantes ao nível da alimentação, sono...)

Avaliação do estado de saúde

	Dados relevantes
Saúde física	
Saúde mental	
Acompanhamento em especialidade	

Avaliação das capacidades cognitivas

	Dados relevantes
Processos cognitivos (perceção, atenção, memória, raciocínio, criatividade, resolução de problemas, ...)	

Avaliação de competências pessoais

	Dados relevantes
Conhecimento, identificação e capacidade em lidar com as próprias emoções	
Auto-estima	
Motivação	
Controlo dos impulsos	
Competências de autonomia (capacidade de tomada de decisão, gestão dinheiro,...)	
Comportamentos e conceitos da sexualidade	

Avaliação de competências sociais

	Dados relevantes
Comunicação interpessoal (estilo de comunicação predominantemente: assertivo, agressivo, passivo, manipulativo...)	
Capacidade de resolução de problemas e conflitos	
Gestão de relações interpessoais (capacidade de fazer amigos, interpessoais)	
Convivência e solidariedade (condutas pró-sociais que beneficiam “o outro”, empatia,...)	

Avaliação no domínio pré-profissional/profissional

	Dados relevantes
Áreas laborais de interesse	
Aquisição de técnicas ativas de procura de emprego	
Adaptação ao contexto de trabalho	

IV- Contexto escolar

Estabelecimento de ensino: _____

Ano de escolaridade: _____

Curso: _____

Diretor de turma: _____

Situação escolar/formativa anterior

Estabelecimento de ensino: _____

N.º de retenções/anos: _____

Observações: _____

Avaliação do desempenho escolar

	Dados relevantes
Aproveitamento escolar	
Hábitos e métodos de estudo	
Comportamento escolar (comportamento dentro da sala de aula, participação, assiduidade e pontualidade, ...)	

V- Contexto sócio-familiar

Caracterização dos elementos do agregado familiar

	1.º membro	2.º membro	3.º membro	4.º membro	5.º membro
Nome					
Grau de parentesco					
Idade					
Nacionalidade					
Habilitações literárias					
Estado civil					
Profissão					
Grau de satisfação com o emprego					
Beneficia de algum tipo de apoio social					

Situação conjugal dos membros do casal ou do individuo responsável pela família

solteiro
casados
união de facto
divorciado/separado
viúvo

Tipo de família

isolada/mulher
isolada/homem
família monoparental feminina
família monoparental masculina
família nuclear sem filhos
família nuclear com filhos biológicos
família com mais de um núcleo
família reconstituída (com filhos de outras uniões)
família reconstituída (sem filhos de outras uniões)

outra situação Qual? _____

Caracterização das relações familiares

Caracterização habitacional

Tipo de habitação: _____

Imóvel (habitação própria, alugada...): _____

Infra-estruturas da habitação: _____

Equipamentos da casa: _____

Estado de conservação: _____

Apresentação geral: _____

Condições habitacionais: _____

O agregado familiar tem dificuldades económicas?

O meio envolvente tem problemas sociais? (marginalidade, drogas, prostituição)

Avaliação do contexto sócio-familiar

	Dados relevantes
Aspetos físicos, materiais e económicos	
Dinâmica familiar	
Práticas educativas	
Rede social de apoio	
Capacidade de autonomia e mudança	

VI - Projeto/plano individual

	Informação
Descrição	
Objetivo geral	

Objetivos operacionais	
Estratégias	
Critérios de avaliação	
Indicadores de avaliação	

VII - Cuidados especiais/saúde

VIII - Atividades

IV - Ocorrências

Registo de fugas

Outras ocorrências

X - Processo individual

Processo de promoção/proteção

Anteriores institucionalizações/motivos de transferências

XI – Contactos

Professor: _____

Familiares: _____

Técnico: _____

Outras Notas:

Apêndice D

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Na preparação do guião de entrevista do presente estudo tivemos rigor de não introduzir questões que não fossem pertinentes para o estudo. Na construção do mesmo cada questão feita correspondeu um conjunto de objectivos previamente definidos. Foram construídas no total de quatro versões das entrevistas diferentes para (jovens, técnicos, família e professor) no qual as questões variam no máximo de vinte e um e no mínimo dezassete perguntas correspondentes aos objectivos de estudos definidos. Na construção das entrevistas levamos em considerações as perguntas mais específicas evitando as questões menos pertinentes como a identificação sociodemográfica dos participantes no qual foram possíveis na análise dos processos individuais dos jovens. As questões foram organizadas segundo a lógica sequencial dos objectivos. No entanto esta organização do guião permitiu uma maior margem de à vontade e de liberdade de resposta sem perder a finalidade das questões colocadas (Bogdan & Biklen, 1994).

Entrevista a jovens em acolhimento institucional

O objetivo desta entrevista é conhecer-te melhor a ti face à tua experiência de acolhimento na (nome da instituição). A tua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a tua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista. Importa referir que não existem respostas certas ou erradas, o que pretendemos é conhecer a tua opinião e a tua experiência de acolhimento. Caso não percebas alguma das questões sente-te à vontade para interromper e colocar as questões que achares convenientes. Recordamos, ainda, que a tua participação nesta investigação é voluntária podendo ser interrompida a qualquer momento. As respostas dadas nesta entrevista são confidenciais e serão utilizadas estritamente no âmbito deste estudo.

Como já tínhamos abordado, é necessário proceder à gravação da entrevista para posterior análise dos dados, sendo que posteriormente à análise a gravação e transcrição serão eliminadas. Não sei se gostarias de colocar alguma questão... Quando te sentires preparado/a daremos início à mesma.

Para iniciar este encontro gostaria que me falasses um pouco sobre ti.

Gostaria que falássemos um pouco acerca da (nome da instituição).

O que representa para ti a palavra “instituição”?

Gostaria que falasses um bocadinho acerca da (nome da instituição)?

O que aprecias mais e menos na (nome da instituição)?

Atualmente o que representa para ti esta casa?

Se pudesses o que mudarias na (nome da instituição)?

Agora vamos falar um bocadinho da tua experiência de acolhimento e da tua estadia na (nome da instituição), como te sentes cá e como te relacionas com as diferentes pessoas que cá trabalham e habitam contigo.

Sobre a experiência de acolhimento. Como soubeste e o que pensaste da medida de acolhimento?

Fala um bocadinho daquilo que te recordas da 1.^a fase em que chegas-te à (nome da instituição)?

Podias falar-me do teu relacionamento com as pessoas da casa?

Sempre que precisas de falar, quem procuras para o fazer?

No âmbito do acolhimento é elaborado um plano pela equipa técnica que corresponde ao teu plano de estadia na (nome da instituição). Neste momento qual é o teu plano educativo individual?

Em que medida participaste na construção do teu plano educativo individual?

Qual o melhor e o pior momento que te recordas da experiência de acolhimento na (nome da instituição) ou em outras instituições onde estiveste no passado?

Em que medida a experiência de acolhimento está a ser na tua opinião positiva ou negativa?

Do teu ponto de vista quais são as vantagens e desvantagens de viver na (nome da instituição)?

Agora gostaria de falar contigo sobre outras pessoas da tua vida, nomeadamente sobre a tua família.

O que representa para ti a palavra “família”?

Quais as semelhanças/diferenças que encontras entre a (nome da instituição) e uma ou a tua família?

Como era a tua relação no passado com a tua família?

Como é a tua relação no presente com a tua família?

Gostaria que falássemos um pouco sobre a escola e sobre os teus amigos.

O que representa para ti a palavra “escola”?

O que gostas mais e o que gostas menos na escola?

Relativamente ao teu futuro quais são os teus projetos escolares?

Se pudesses o que mudarias na escola?

O que representa para ti a palavra “amigos”?

Como era a tua relação com os teus amigos no passado?

Como é a tua relação com os teus amigos no presente?

Relativamente à tua interação com a comunidade em que atividades já participaste ou participas?

Que significado tem para ti as atividades realizadas na comunidade?

Há alguma coisa que consideres importante referir e que eu não tenha perguntado?

Obrigada pela tua colaboração!

Entrevista ao Professor de Jovens em Acolhimento Institucional

A presente entrevista tem como principal objetivo conhecer melhor as experiências escolares dos jovens em situação de acolhimento institucional. Interessamos compreender melhor qual o papel do sistema escola na vida destes jovens. A sua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a sua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista. Contudo, importa referir que não existem respostas certas ou erradas, o que pretendemos é conhecer a sua opinião e a sua experiência.

Caso não perceba alguma das seguintes questões sinta-se à vontade para interromper e colocar as questões que achar convenientes. As respostas dadas nesta entrevista serão estritamente confidenciais e utilizadas somente no âmbito deste estudo. Recordamos que a sua participação nesta investigação é voluntária podendo ser interrompida a qualquer momento.

Como abordado previamente, será necessário proceder à gravação da seguinte entrevista para posterior análise dos dados, sendo que posteriormente à análise, a gravação e transcrição desta serão eliminadas. Neste sentido, não sei se gostaria de colocar alguma questão... Quando se sentir preparado/a daremos início à mesma.

Para começar este encontro gostaria de conhecer, a partir do seu ponto de vista e com base na sua experiência, o que considera como um caso de sucesso e de insucesso escolar?

Como descreve a integração do (nome da jovem) na turma?

Fale-me um pouco acerca do (nome da jovem) no que concerne à sua motivação e aprendizagem?

Enquanto professor/a, e do que lhe foi/é possível observar em contexto sala de aula e exterior, como caracteriza a relação do (nome da jovem) com os colegas?

Como descreve a relação do (nome da jovem) com os professores?

Pensando na relação do aluno com a escola e na relação do aluno com os colegas, pode falar-me de situações em que o (nome da jovem) possa ter sido estigmatizado?

Em relação à Escola, quais são as principais dificuldades que representam um obstáculo na integração/progresso do (nome da jovem) em situação de acolhimento institucional?

Quais as propostas que o(a) professor(a)/escola utilizam para a resolução dos problemas que surgem na escola relativamente à integração e acompanhamento dos alunos em acolhimento institucional?

Como descreve a articulação entre escola e lar de acolhimento?

Para terminar, gostava de saber como é a sua experiência emocional de ser professor do (nome da jovem) ou de outros jovens em situação de acolhimento institucional?

Entrevista aos Técnicos de Jovens em Acolhimento Institucional

A percepção dos Técnicos acerca da realidade do acolhimento

O objetivo desta entrevista é compreender a partir do seu relato o papel dos técnicos no processo de acolhimento. A sua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a sua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista.

Importa referir que não existem respostas certas ou erradas. Caso não perceba alguma das questões sinta-se à vontade para interromper a qualquer momento e colocar as questões que achar conveniente. As respostas dadas são estritamente confidenciais e serão utilizadas apenas no âmbito deste estudo. A participação no mesmo é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem que seja necessário justificar a sua decisão.

Como já tínhamos abordado, é necessário proceder à gravação da entrevista. Não sei se gostaria de colocar alguma questão? Quando se senti preparado/a daremos início à mesma.

Para dar início à nossa entrevista, gostaria que falássemos um pouco acerca dos serviços de acolhimento institucional.

1. Na sua perspectiva, qual a missão da instituição?
2. Fale-me um pouco dos serviços e actividades disponibilizados pela instituição aos jovens que acolhe?

Agora vamos falar um pouco da experiência de acolhimento institucional dos jovens

3. Fala-me um pouco acerca da J
4. Qual foi a reação da J ao acolhimento?
5. Poderia dizer-me como tem sido o percurso da J ao longo do processo de acolhimento?
6. Fala-me um pouco mais especificamente da J no que concerne ao seu relacionamento com os colegas do IJMI?

7. E no que diz respeito à relação que a J estabelece com os técnicos da instituição, como a descreve?

8. Quais os objetivos que foram definidos para a J em termos do plano educativo individual?

9. Como avalia a implementação do plano? Quais os principais obstáculos?

10. Como perspectivam o futuro em termos de projeto de vida da J?

11. Na sua opinião, qual a representação que a J tem do processo de acolhimento e do IJMI?

Vamos falar um pouco da interação entre a instituição e a família da J

12. Qual considera ser a importância da família no processo do acolhimento?

13. Ao longo do acolhimento qual a relação que a J mantém com a família de origem?

14. No seu ponto de vista como caracteriza/descreve o envolvimento da família de origem com o processo do acolhimento?

15. Quais os aspectos mais positivos no trabalho com a família da J?

16. Quais as principais dificuldades no trabalho com esta família?

Gostaria que me falasse um pouco da interação entre a instituição e a comunidade

17. Durante o acolhimento, de que forma é que a J foi inserida na sociedade?

18. Quais as atividades em que está envolvida a J?

19. Qual a importância dessas experiências para os jovens? E para a J em particular)?

20. Na sua opinião, qual deveria ser o papel da sociedade civil para com os jovens?

Para finalizar a nossa entrevista há alguma coisa que considere importante referir e eu não tinha perguntado?

Obrigada pela sua participação.

Entrevista à Família de jovens em acolhimento institucional

O objetivo desta entrevista é conhecer a sua família e a sua experiência sobre o acolhimento institucional do (nome do/a jovem). A sua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim agradecemos a sua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista. Importa referir que não existem respostas certas ou erradas o que pretendemos é conhecer a sua experiência. Caso não perceba alguma das questões sinta-se à vontade para pedir os esclarecimentos que achar convenientes. Recordamos, ainda, que a sua participação nesta investigação é voluntária podendo se interrompida a qualquer momento. As respostas dadas nesta entrevista são confidenciais e serão utilizadas estreitamente no âmbito deste estudo. Como já tínhamos abordado, é necessário proceder à gravação da entrevista para posterior análise dos dados, sendo que posteriormente à análise a gravação e transcrição serão eliminadas. Não sei se gostaria de colocar alguma questão...Quando se sentir preparado daremos início à mesma.

Para começar este encontro, gostaríamos de começar a falar um pouco sobre o seu filho, o que pode dizer sobre o (nome do/a jovem)?

Vamos falar um pouco dos serviços de acolhimento institucional onde o seu filho se encontra inserido.

Focando-nos sobre a (nome da instituição), gostaria que me falasse um pouco acerca da instituição onde está o seu filho.

Especificamente em termos da relação do (nome do/a jovem) com os cuidadores da (nome da instituição), como caracteriza esta relação?

E como caracteriza a sua relação com os cuidadores da instituição onde está o seu filho? Desde a integração do (nome do/a jovem) na (nome da instituição), recebeu visitas dos profissionais que lá trabalham? Como foi a experiência?

O que me pode dizer sobre o trabalho realizado pela Instituição com o (nome do/a jovem)?

Neste momento, qual o projeto de vida elaborado para o (nome do/a jovem)? Como participou na construção do mesmo?

De um modo geral, qual o seu grau de satisfação com o trabalho realizado pela (nome da instituição)? Explique porquê.

Agora vamos falar um pouco da experiência do seu filho com a escola e com a comunidade.

Focando o domínio escolar, como era o percurso escolar do (nome do/a jovem) antes da entrada na (nome da instituição)? E atualmente, como caracteriza a situação escolar do (nome do/a jovem)?

Relativamente às atividades realizadas pelo (nome do/a jovem) fora da (nome da instituição), o que conhece sobre essas atividades? E, na sua opinião qual a importância destas atividades na vida do (nome do/a jovem)?

Agora, falando um pouco da experiência de acolhimento institucional em relação ao seu filho.

De um modo geral, o que recorda ou o que sabe acerca de como decorreu a experiência de integração (nome do/a jovem) na (nome da instituição)?

Relativamente ao acolhimento do (nome do/a jovem), como é que teve conhecimento dessa decisão e o que pensou acerca da medida?

Na sua perspectiva, o que mudou e o que está igual no (nome do/a jovem)? com a experiência de acolhimento?

Como descreve a experiência do seu filho estar a viver na (nome da instituição)?

Vamos falar agora um bocadinho acerca da relação entre a família e o (nome do/a jovem) antes e depois do acolhimento.

Pensando no período antes da integração do (nome do/a jovem) na (nome da instituição), como era constituída a sua família?

Ao longo desse tempo, como descreve a relação que tinha com o seu filho?

Desde a entrada do (nome do/a jovem) na (nome da instituição), como se processa o contacto da família com o (nome do/a jovem)?

Atualmente como descreve a relação que tem com o seu filho?

E em termos familiares, o que mudou com a colocação do (nome do/a jovem) na (nome da instituição)?

Considerando a experiência de acolhimento qual é o papel que desempenha no percurso da vida do seu filho?

Para finalizar a nossa entrevista há alguma coisa que considere importante referir e que eu não tenha perguntado?

Obrigada pela sua participação.

Apêndice E – Tabela de análise dos resultados

Tabela de categorização família caso sucesso/insucesso

Família caso sucesso J				Família caso insucesso			
Categorias 3ª ordem	Categorias 2ª ordem	Categorias 1ª ordem	Códigos	Categorias 3ª ordem	Categorias 2ª ordem	Categorias 1ª ordem	Códigos
Perfil da jovem	Características pessoais positiva	Carinhosa	1.E.F. menina muito carinhosa	Perfil da jovem	Características pessoais	Meiga	N1.E.F. Jovem porreira e meiga
		Orgulhosa	J1.2.E.F. Muito orgulhosa,				
		Determinada	J1.2.E.F., determinada nos seus objectivos				
		Ligação amigos	J1.12.E.F. Muito apegado aos amigos				
		Simplicidade	J13.4.E.F Característica da simplicidade				
		capacidade gestão / autoregulação	J13.1.E.F Sabe como gerir as coisas J6.9.E.F. Gosta de relaxar nos momentos difíceis				
Informação sobre agregado familiar (passado/presente)	Vivências familiares anterior ao acolhimento	Relação fora do casamento Posição critica quanto envolvimento extra-conjugal Irmã fruto relação extra-conjugal Divorcio	J15.2.EF A mãe tem conhecimento do que o pai era comprometido J15.5.EF Consciência do erro cometido (relação fora do casamento) J15.6.EF Manifestação do arrependimento J17.5.EF tem irmã mais velha de relação conjugal Irmã mais velha J15.3.EF Filha de uma relação fora do casamento J15.EF Filha extra conjugal J15.1.EF Pai Divorciado	Informação sobre agregado familiar (passado/presente)	Constituição o familiar	Separação dos pais Irmã acolhida na instituição Envolvimento/ relação proximidade família origem Perda de parente próxima significativa (2 anos)	N9.1.E.F. Separação dos pais N7.E.F. Tem uma irmã na instituição N15.E.F Sempre gostei da minha família N15.1.E.F. Colaboramos sempre na casa da minha irmã N15.3.E.F Pai com relacionamento boa com a mãe (falecida) N15.5.E.F Relacionamento boa com irmão e sobrinhas N15.6.E.F Continuação de convívio na família N15.2.E.F Falecimento da mãe (avó N)
		Filha a cargo da ex-mulher Relação difícil da filha com a mãe Experiência maus tratos mãe	J15.1.EF Eu era casado a minha filha e ex-mulher estava na suíça J15.8.EF Mãe problemática J2.15.E.F. Vítima de maus tratos e falta de cuidado por parte da mãe			Dificuldades gestão parental por parte da mãe	N8.2.E.F. Precisavam de regras quando vivia com a mãe (após separação)

		Dificuldades financeiras	J7.1.E.F.Pensionista portuguesa de invalidez J7.2.E.F. dificuldades económicas J16.5.EF Dificuldades económicas e pessoal do pai actual J17.8.EF Dificuldade do pai J16.3.EF Vivencia nos momentos difíceis			Dificuldades financeiras (passado e presente)	N12.E.F. Dificuldades económicas N7..E.F.Pai com problema a encontrar trabalho N7.2.E.F.Não arranja m trabalho para uma pessoa de 53 anos
		Ausência no convívio no seio familiar na infância	J2.14.E.F.filha não pode viver com o pai J11.1.E.F Afastada da mãe e do pai J15.9.EF Não ficou connosco quando era pequena			Problemas pessoais do pai - instabilidade	N7.1b.E.F. Pai com dificuldade em ter uma vida saudável N12.1.E.F. Hospedado na casa de partilha (anterior)
		Experiência de maus tratos na família de acolhimento (passado)	J2.16.E.F.Experiencia de família de acolhimento J2.17.E.F. Vítima de maus trato na família de acolhimento J2.18.E.F.Filha vítima de vários sofrimentos J12.1.E.F Vítima de maus trato por parte da família de acolhimento J12.2.E.F pai denúncia maus tratos por parte de família de acolhimento a segurança social				
Caraterização das relações familiares antes do acolhimento	Relação anterior pautada instabilidade	Relação boa e má do pai com a filha (antes)	J16.EF A relação já foi boa já foi pior	Caraterização das relações familiares antes do acolhimento	Relação anterior positiva	relação positiva do pai com a filha (anterior) inconsistências na relação	N16.E.F Relação sempre boa N16.1.E.F As vezes berrava com ela e depois passava
Caracterização do percurso escolar antes da entrada na instituição	experiência escolar anterior à entrada na instituição	experiência escolar anterior instável	J9.E.F. percurso escolar da filha regular com algumas falhas	Caracterização do percurso escolar antes da entrada na instituição	experiência escolar anterior à entrada na instituição	experiência escolar anterior instável	N9.2.E.F. Começou a alterar na escola N9.6.E.F. Comportamento de fuga na escola
Percepção da família sobre o acolhimento	Processo de decisão/ envolvimento na decisão medida de acolhimento	Colaboração com o tribunal na decisão de medida de acolhimento	J12.E.F Decisão da medida a partir do tribunal J12.9.E.F Prestação do depoimento do pai no tribunal sobre a institucionalização da filha J12.10.E.F Participação do pai na decisão de medida de protecção da filha J2.2.E.F. Contribuição do pai na escolha da instituição para a filha	Percepção da família sobre o acolhimento	Processo de decisão/ envolvimento na decisão medida de acolhimento	Desacordo quanto à medida de acolhimento retirada com intervenção das forças policiais	N19.2.E.F. Possibilidades das filhas não entrarem na instituição N1.1.E.F. Situação de estar na instituição é um bocado arrogante N13.3.E.F. Acolhimento é sempre difícil N12.4.E.F. Intervenção da Polícia N19.1.E.F. Retirada da filha da família com

							polícia
		Aceitação / envolvimento pai processo integração institucional	J2.20.E.F. Consciência do pai do que é melhor para a filha J2.22.E.F. Aceitação do pai sobre a decisão das entidades competentes na medida de protecção da filha J12.3.E.F. Socorrida na instituição provisória J12.8.E.F. Aceitação da institucionalização da filha por parte do pai J14.5.EF. Contribuição do pai na integração da filha			Dificuldades em aceitar a institucionalização por parte da família	N14.1..E.F. Temos sempre motivos para nos revoltamos N14.2.E.F. Não fazer asneira para ultrapassar revolta N2.2.E.F. Discordância com muitas coisas na instituição
Percepção família sobre instituição	Percepção da família sobre instituição	Imposição de regras	J2.12.E.F. Imposição de Regras da instituição	Percepção família sobre instituição	Percepção da famílias sobre instituição	Imposição de regras	N3.E.F. Normal ter regras e o seu cumprimento
		Boa instituição	J14.1.E.F. Instituição é muito boa			Vertente educativa	N2.E.F. Instituição é bom para educação e regras
		Vertente religiosa católica	J2.3.E.F. Instituição pertencente a religião católica			Regras divergentes das características da jovem	N2.3.E.F. Instituição tem muitas regras é diferente da personalidade da filha
	Percepção da família sobre trabalho realizado	Ausência de visita domiciliária Reconhecimento positivo do trabalho	J5.E.F. Não tem conhecimento de visita de profissionais J5.2.E.F. Ausência da visita dos profissionais competentes J6.E.F. Bom trabalho desenvolvido pela instituição J6.3.E.F. Reconhecimento do pai de bom trabalho desenvolvida pela instituição J8.1.E.F. Reconhecimento de bom trabalho desenvolvido pela instituição		Percepção da família sobre trabalho realizado	Reconhecimento positivo do trabalho	N6.E.F. Bom trabalho realizado por parte da instituição
	Percepção sobre Relação da jovem com a instituição	Relação "média" jovem/ instituição	J3.E.F. Relação média com a instituição		Percepção sobre Relação da jovem com cuidadores da instituição	ausência problemas	N3.1.E.F. Penso que não há problemas com funcionários aqui
	Percepção sobre Relação positiva família/ cuidadores	Relação pautada sinceridade Relação pautada confiança Percepção positiva sobre os técnicos	J2.6.E.F. Sinceridade por parte dos técnicos da instituição com o pai 4.E.F. Relação boa e de confiança J14.2.E.F. Boas características dos técnicos		Percepção sobre Relação família/ cuidadores	Relação pautada pela instabilidade	N4.E.F. Permanência de altos/baixos e pior/bom momento
	Satisfação com trabalho desenvolvido	Gratidão com trabalho desenvolvido satisfação com	J2.8.E.F. Gratidão aos contributos da instituição no percurso de vida da filha J8.E.F. Boa satisfação		satisfação com trabalho desenvolvido	satisfação parcial com trabalho desenvolvido	N8.E.F. Grau de satisfação em relação a instituição 90

		trabalho desenvolvido	sobre o trabalho realizado pela instituição J14.3.E.F Satisfação do trabalho desenvolvido para filha na instituição				
	Relação positiva do pai com a instituição (1ª instituição)	Referências positivas quanto instituição anterior	J2.E.F.Conhecimento da instituição por parte do pai (1ª instituição) J2.1.E.F.Boas referências da instituição por parte do pai (1ª instituição) J2.5.E.F. Boas referências da instituição J12.4.E.F Conhecimento da instituição por parte do pai (1ª instituição) J12.6.E.F Gosto muito dos técnicos de la foram gentis (1ª instituição) J12.7.E.FConhecidos e boa relação do pai com os técnicos da instituição (1ª instituição)				
Visão família sobre experiência / percurso da jovem	Percepção Dificuldades emocionais início do acolhimento	Frustração Ausência liberdade Instabilidade inicial	J2.11.E.F. Frustração da filha J.14.E.F.Experiência de frustração E.F. Ausência de liberdade e frustração da filha J6.1.E.F. Momentos altos e baixo da filha	Visão família sobre experiência / percurso da jovem	Percepção Dificuldades	Dificuldades iniciais de integração Ausência de liberdade Dificuldades lidar com as regras	N5.E.F. Integração complicado no princípio N11.E.F. São elas (filhas) próprias a dizer que a primeiro correu mal N5.2.E.F. Má experiência no início N13.5.E.F.Não tem liberdade e não habituada a muitas regras
	Percepção Dificuldades Integração / rejeição da instituição anterior	J11.E.F Integração difícil (1ª instituição) J14.4.EF Tentativa para sair da instituição (início)					
	Experiência positiva do acolhimento (atual)	integração (atual)	J12.5.E.F Boa integração da filha na instituição		Experiência (atual) no acolhimento	Experiência negativa no vivência no contexto institucional não compreensão da medida acolhimento Sentimento de revolta face acolhimento	N13.4.E.F. Experiência muito ruim N4.1.E.F. Com tempo elas (filhas) vão perceber porque estão aqui Sentimento de revolta N13.1.E.F. Mudança e revolta total

						Rejeição atual da medida de acolhimento	N17.1.E.F filhas querem voltar para casa N2.4.E.F. Filha cheia de estar na instituição
	Vantagens da instituição para desenvolvimento da jovem	prestação de apoio Apoios âmbito escolar Apoios Cuidados primários	J2.7.E.F. Contribuição dos técnicos no percurso da vida da filha J13.7.E.F. Contribuição dos técnicos na mudança da filha J14.8.EF Apoios a nível de explicações, J2.4.E.F. instituição com ajuda social e acompanhamentos escolar J14.8.EF Apoios comida feita, roupa passada na instituição		Vantagens da instituição no desenvolvimento pessoal da jovem	Apoios âmbito escolar apoios – Saúde oral Apoios – promove autonomia Apoios – promove responsabilização	N8.1.E.F. tem os estudos N8.1a.E.F. vão para escola N8.1b.E.F. Tem explicação N8.1c.E.F. Apoios para ir ao dentista N13.5.E.F. Capazes de ser mulher mais responsáveis N8.3.E.F. Contribui para mais responsabilidade dos seus atos (filha)
	Percepção desvantagens decorrentes acolhimento	impacto social negativo para a família	J17.4.EF Manchar o nome da família com entrada da filha na instituição		Percepção desvantagens decorrentes acolhimento	Discordância diminuição convívio familiar Sentimento de tristeza pela redução contato com a família	N2.1.E.F. Discordância por a filha não regressar a casa fim-de-semana N5.4.E.F. Discordância por não falar com filha todos os dias N21.E.F. Faz falta a não viver com o pai N19.E.F. Estamos tristes
	Projeto de vida elaborado para a jovem	Conclusão do ensino superior	J7.E.F. Conseguir concluir o ensino superior		Projeto de vida elaborado para a jovem (passado)	Retorno à família de origem	N7.1.E.F. Projeto de vida era para estar a minha beira
	Participação na construção do projeto de vida da jovem	participação do projeto de vida da filha	J2.9.E.F. Participação na decisão do projecto de vida da filha J2.21.E.F. Participação do pai no trabalho de projeto de vida da filha		Participação na construção do projeto de vida da jovem	presença/ disponibilizada de discutir projecto	N7.3.E.F. Sempre presente para conversar sobre projeto de vida da filha N20.E.F. Em qualquer altura venho aqui na instituição
		Incoerência sobre posição do pai quanto projeto de vida	J2.13.E.F. Gosta de viver com pai J11.4.E.F. Preferia estar a viver com o pai			Incoerência sobre posição do pai quanto projeto de vida	N8.4.E.F. Gostava que estivessem comigo
Percepção família sobre acolhimento		Contacto regular e frequente com	J7.3E.F. Sempre apoiei, visitei, acompanhei e recebi	Percepção família sobre acolhimento		Ausência contacto fins-de semana e	N17.2.E.F. As filhas não vão a casa fins de

		a família	em casa para passar fins-de-semana J17.EF Comunicação familiar via telefónica J17.1.EF Visita a casa nos fins-de-semana natal, pascoa, carnaval ferias J11.3.EF Convívio aos fins-de-semana na casa da família paterna J11.2.EF Visitas regulares do pai na instituição			férias	semana N17.3.E.F. Fins de semana as filhas permanecem na instituição
Percepção mudanças/continuidades com medidas acolhimento	Relacionamento familiar – mudança positiva	Estabilidade relação Convivência e partilha Honestidade e confiança afecto	J16.1.EF Relação estabilizada com a filha actualmente J6.7.E.F. Relação de convivência próxima com o pai J6.8.E.F. Partilha de momentos complicados com o pai J17.2.EF Relação de confiança com a filha J17.3.EF Relação de honestidade com a filha J10.4.E.F Confiança na filha J15.4.EF Amor pela filha	Percepção mudanças/continuidades com medidas acolhimento	Relacionamento familiar - continuidade	relação positiva do pai com a filha (anterior)	N18.E.F. Relação boa com a filha actualmente
	Percurso escolar – mudança positiva	experiência escolar anterior instável	J9.E.F. percurso escolar da filha regular com algumas falhas		Percurso escolar – mudança positiva	experiência escolar inicial positiva	N9.E.F. Percurso escolar boa no princípio
		experiência secundário estável	J1.9.E.F. conclusão do 12º		Experiência dificuldades atuais	Baixo rendimento escolar (Actual)	N9.3.E.F. Retenção do ano letivo N9.5.E.F. Situação escolar complicado N9.4.E.F. Consciência do pai e aceitação com a retenção da filha
		Baixo rendimento do ensino superior Dificuldades académicas	J.6.5.E.F. Baixo Rendimento da nova experiência académica J6.6.E.F. Curso complicado J9.1.E.F. Percurso académico actual complicado J9.2.E.F. Disciplinas complicadas J16.4.EF Dificuldades académicas da filha actual				
		Mudança projecto Orientação vocacional anteriormente definido	J1.6.E.F. teimosia de ser esteticista J1.7.E.F. Ajuda da figura de referencia na escolha de vocação profissional J1.8.E.F. Mudança na escolha de vocação				

			<p>profissional J1.11.E.F. Nova escolha de curso J1.13.E.F. Mudança de escolha profissional para o futuro</p>				
	Mudanças - jovem	Crescimento pessoal	<p>J1.5.E.F. está a mudar aos poucos J3.2.E.F. Fase de mudança de adolescente para adulto J3.3.E.F. ela quer a liberdade J13.E.F. Mudança bastante da filha actualmente</p>		Mudanças - jovem	Diminuição do convívio familiar	N13.E.F. Diminuição da convivência
	Continuidades - jovem	Postura pessoal da jovem reservada	<p>J1.1.E.F. Jovem bocado fechado J1.4.E.F. Feitio bocado difícil por suas qualidades J3.1.E.F. Feitio difícil da filha J13.5.E.F. Ela é fechada J13.6.E.F. Reservada com as pessoas</p>		O que ficou igual na jovem	Manteve mesma postura com o pai- meiga/amigo	N13.2.E.F. Continua meiga e amigo com o pai
Percepção integração jovem social/ comunitária	Percepção integração comunitária	<p>Reduzida participação atividades no exterior</p> <p>Envolvimento Preferencial atividades da instituição</p> <p>Reduzida abertura da instituição</p>	<p>J9.4.E.F. Pouca liberdade em participar em certas actividades social com grupo de pares J10.E.F. Pouca participação da filha nas actividades fora da instituição</p> <p>J10.1.E.F. Participações nas actividades ligadas a instituição</p> <p>J10.5.E.F. está no meio fechado</p>	Percepção integração jovem social/ comunitária	Percepção integração comunitária	<p>Participação actividades no exterior</p> <p>Participação no exterior com família</p>	<p>N10.1.E.F. Envolve muito nas actividades fora da instituição</p> <p>N10.E.F. Pratica atividades quando vai a casa dos pais</p>
	Integração na sociedade	<p>Fomento envolvimento social com entrada ensino superior</p> <p>Maior liberdade/auto nomia com entrada ensino superior</p>	<p>J6.2.E.F. Convivência com jovens diferentes (em contexto universitário)</p> <p>J10.2.E.F. Permissão da filha para sair com amigas quando está fora da instituição</p> <p>J10.3.E.F. Permissão da filha passear com amigas de confiança</p> <p>J10.5.E.F. Permissão da liberdade para autonomia da filha</p>				
	Percepção família	Promoção	J10.6.E.F. Oportunidade boa para		Percepção família sobre	Promoção bem estar	N10.2. Sente melhor ao

	sobre Importância da actividade fora instituição	integração social	integração da filha na sociedade		Importância da actividade fora instituição		respirar o ar fora da instituição
	Papel desempenhado no percurso de vida da filha	Conselheiro	J18.EF Pai conselheiro		Papel desempenhado no percurso de vida da filha		N20.1.E.F. Presença do pai na escola para dar apoios as e motivá-la-ás (filhas)
	Caraterística do pai	Amigo	J18.1.EF Pai amigo				
	Característica do pai	Presente	J18.2.EF Pai presente				
		Dificuldades de competências pessoais	J14.6.EF Não tem competências para ser autónoma J14.9.EF necessidade de aquisição das competências para ser autónoma				
	Necessidades da jovem	Dificuldades de autonomização	J13.2.EF Necessidade de acompanhamento no percurso de vida da filha J13.3.EF necessidade de ganhar novas experiencia na vida J10.5.EF Habituar a ter mais autonomia				
		Mal estar do pai – situação da filha	J2.19.E.F.Mal estar do pai em relação a situação da filha				
	Preocupação do pai com a filha	Percepção do pai com bem estar da filha	J7.5.E.F. Preocupação com o bem-estar da filha J9.3.E.F.Preocupação do pai relativamente ao percurso escolar da filha				
		Desejo positivo do pai – boa concretização futura da filha	J8.3.E.F. Desejo para a realização do futuro da filha J8.4.E.F. Desejo de ver a filha feliz				
		Desacordo do pai na escolha vocacional da filha (1ª escolha)	J8.2.E.F. Pai não se identifica com o curso de massagista (1º opção) para a filha				
		Economia de recursos monetário para satisfação da filha (passado)	J7.4.E.F. Gestão de dinheiro para necessidades da filha (passado) J7.6.E.F. Contribuição dos bens monetários para o bem-estar da filha (passado)				
	Profissão do	Experiencia	J5.E.F. Experiencia de				

	pai (passado)	profissional do pai – guarda noturna	muitos anos de serviços de segurança J5.1.E.F. Guarda-nocturno J5.3.E.F. não tenho conhecimento J17.7.EF Trabalho fora muito tempo longe de casa (início)				
		Comportamentos de outras jovens	J3.6.E.F.outras miúdas fazem o que apetece/estão perdidas J3.6.E.F.Comportamento dos jovens sem ajuda positiva				
						Desejo do pai sobre percurso de vida da filha	E.F. Quero tudo de bom para as minhas filhas

Tabela de categorização técnico caso sucesso/insucesso

Técnicos caso sucesso				Técnicos caso insucesso			
Categorização 3ª ordem	Categorização 2ª ordem	Categorização 1ª ordem	Códigos	Categorização 3ª ordem	Categorização 2ª ordem	Categorização 1ª ordem	Códigos
Serviços de acolhimento institucional	Missão da instituição	Acolhimento	J1:T.C.S. Acolhimento de jovens	Serviços de acolhimento institucional	Objetivo da instituição	Acolhimento	N1.A:T.C.I- Acolhimento de jovens em risco social
	Serviços dos técnicos na instituição	Avaliação familiar	J2.9:T.C.S. Avaliação familiar para definição do projeto de vida aos jovens				
		Acompanhamento escolar - sistemático	J2.14:T.C.S. Articulação sistemática com contexto da escola			Acompanhamento familiar-escolar	17:T.C.I- Articulação do contexto familiar e escolar por parte dos técnicos
						Trabalho autonomização	N9.9:T.C.I- Trabalho com jovem até a saída da instituição
	Trabalho dos técnicos na instituição	Avaliação psicológico-social	J19.20:T.C Apoio psicológico J2.1:T.C.S.Acompanhamento a vários níveis J2.4:T.C.S. Avaliação a todos os níveis funcionamento dos jovens J2.12:T.C.S. Avaliação geral das áreas de vida do jovem J2.21:T.C.S. Avaliação do desenvolvimento do jovem				
		Definição do projeto de vida	J1.3:T.C.S. Definição do projeto de vida para os jovens J1.5:T.C.S. Acolhimento e definição do projeto de vida J2.10:T.C.S. Projeto de vida na integração familiar e da autonomia				

Serviços de acolhimento institucional	Serviços proporcionados pela instituição	Apoio educativo	J2.13:T.C.S. Apoios educativos individualizados J19.30:T.C Apoios e ferramentas de caminhar a vida J2.17:T.C.S. Apoios aos jovens com dificuldades J19.39:T.C Apoio para conclusão do projecto educativo J1.4:T.C.S. Ferramentas de apoio aos jovens	Serviços de acolhimento institucional	Trabalho desenvolvido com os jovens na instituição	Identificação de necessidades de intervenção	N1.D:T.C.I- Identificação das problemáticas N1.E:T.C.I- Identificação e necessidades de intervenção N1.3:T.C.I- Identificação de áreas de intervenção N1.1:T.C.I- Compreensão das problemáticas N1.2:T.C.I- Compreensão dos objectivos de intervenção
						Preparação do acolhimento	N4.2:T.C.I- Preparação no período de integração
	Trabalho dos técnicos	Orientação vocacional	J19.25:T.C Orientação para o futuro J8.1:T.C.S Orientação vocacional no nono ano J8.5:T.C.S Orientação para melhoria J8.10:T.C.S Orientação e liberdade na escolha do curso J9.2:T.C.S Correspondência da escolha vocacional J9.12:T.C.S.Orientação no secundário				
	Protocolo de ajuda na instituição	Protocolo para o futuro	J2.15:T.C.S. Protocolo para o futuro no apoio escolar fim de semana		Protocolo com a instituição	Parcerias de acompanhamento psicológico com outras entidades	N9.13:T.C.I- Benefícios de intervenção com outras parcerias N914.:T.C.I- Benefícios de acompanhamentos psicológicos com outras parcerias N17.2:T.C.I- Acompanhamento psicológico fora da instituição
		Protocolo mais horizonte	J2.16:T.C.S. Protocolo mais horizonte no apoio escolar durante a				

			semana J17.3:T.C.S Propostas de apoios proporcionada aos jovens				
Experiên cia do acolhime nto institucio nal da jovem	Percurso comporta mental adequado (antes/atua l)	Comportam ento positivo	J3.5:T.C.S. Sem grandes vivências de problema a nível comportamental J7.1:T.C.S Nunca teve comportamento de desobediência J21.5:T.C Ausência de necessidade pedopsiquiátri	Experiên cia do acolhime nto institucio nal	Comportam ento desadequad o	Jovem manipulador a	N12.16 :TC.I- Manipulação por parte da filha com pais
						Fantasia sobre projeto de vida	N3.15:T.C.I- Muita fantasia em relação ao projeto de vida
					Comportam ento negativo	Manifestaçã o da mentira	N3.12:T.C.I- Utiliza muita mentira N6.5:T.C.I- Manifestação da mentira e fantasias na fase inicial N3.22:T.C.I- Mentira frequente e fantasias em relação a família e projeto de vida
						Relação de interesse com pais	N12.17:TC.I- Relação baseada no interesse da filha com a mãe
						Envolvimen to negativo do problema familiar	N3.25:T.C.I- Presencia problemas familiares em vários contextos N3.10:T.C.I- Grande envolvimento com problemas da família
						Dificuldade s emocionais	N3.9:T.C.I- nível emocional bastante complexa N21:T.C.I- Processo pessoal complicado

	Fatores facultadores integração instituição	Acolhimento prévio noutra instituição	J3.1:T.C.S. Mudança de contexto institucional J4:T.C.S.Jovem com experiência de vivência de outro lar são mais preparadas J5.7:T.C.S.Mudança da instituição J12.8:T.C.S Habituada as regras rotinas e limites da outra instituição				
					Fragilidade da instituição	Problema financeira	N19.4:T.C.I- Dificuldades económicas da instituição N19.5:T.C.I- Falta de resposta que corresponde as necessidades dos jovens
	Perceção técnica jovem-características	Ausência de de problemas comportamentais	J6.1:T.C.S Não se identifica com jovens com problemas comportamentais J6.2:T.C.S Identifica com grupo de pares da mesma capacidade e projectos de vida		Mudança pessoal	Mudanças pessoais positivas na relação com grupo de pares	N6.1:T.C.I- Momentos de mais estabilidade com todo grupo de pares no contexto institucional N6.2:T.C.I- Momentos de relações privilegiada com todo grupo em contexto institucional
						Positiva mudanças nos comportamentos	N6.6:T.C.I- Melhorias significativa em relação a mentira e fantasias
	Experiência de acolhimento instituição	Oportunidade para continuar estudos	J19.29:T.C Experiencia positiva do acolhimento	Experiência de acolhimento instituição	Experiência negativa do acolhimento	Afastamento da família	N3.4:T.C.I- Compreensão da institucionalização como afastamento da família

	al			nal			N3.6:T.C.I- Dificuldades no distanciamento com a família
		Compreensão positiva do acolhimento	J11:T.C.S Percepção a instituição como uma necessidade J19.22:T.C Compreensão da oportunidade e benefícios da instituição J21.1:T.C Compreensão do acolhimento			Compreensão negativa do acolhimento	N3.3:T.C.I- Dificuldades em conscientizar a importância da institucionalização N3.17:T.C.I- Confusão em aceitar o que é melhor no projeto de vida definido
	Integração na instituição	Adaptação positiva a instituição	J3:T.C.S. Integração se muito bem J3.2:T.C.S. Adaptação e integração sem grandes dificuldades J4.3:T.C.S. Demonstração e reação de acolhimento bastante rasurável J5:T.C.S. Facilidade a adaptação e integração na instituição J4.4:T.C.S. Vivência de acolhimento normal		Problema de adaptação	Adaptação negativa	N3.2:T.C.I- problema de integração na instituição N4.1:T.C.I- Dificuldades de integração N4.3:T.C.I- Nunca adaptou a instituição N5.1:T.C.I- Bastante dificuldades de integração N7.13:T.C.I- Dificuldade em adaptar-se no lar
	Ausência de dificuldades da institucionalização	Percepção a instituição como algo positivo	J19.17:T.C Aceitação da institucionalização J19.24:T.C Aceitação do acolhimento		Dificuldades da institucionalização	Não- aceitação do acolhimento	N3.7:T.C.I- Inaceitação do acolhimento e grande envolvimento da família paterno N5:T.C.I- Nunca aceitou a institucionalização N7:T.C.I- Dificuldades em aceitar o acolhimento N11.4:T.C.I- Inaceitação da vivência no contexto institucional N11.3:T.C.I- Dificuldades em encerrar a institucionalização
						Interesse negativo nas atividades da instituição	N19:T.C.I- Desinteresse em participar nas atividades relacionadas a

							instituição
						Tentativa de fuga	N5.3:T.C.I- Tentativa de fugir da instituição N19.1:T.C.I- Estratégias para mudar a rotina diária
					Estabelecimento de regra na instituição	Não cumprimento de regras	N8.29:T.C.I- Dificuldades em cumprir regras e limites por parte da filha
	Compreensão do acolhimento	Mudança positiva	J4.2:T.C.S. Percepção de mudança de lar como algo positiva J19.18:T.C Percepção do acolhimento como mudança positiva na vida		Acolhimento institucional	Mudança negativa	N11:T.C.I- Compreensão do acolhimento como mudança negativa N11.2:T.C.I- Compreensão negativa do acolhimento N16.2:T.C.I- Dificuldades de compreensão do acolhimento
	Experiência de acolhimento institucional	Relação positiva com os técnicos e grupo de pares na instituição	J6:T.C.S Boa relação com colegas da instituição J7:T.C.S Boa relação com os técnicos da instituição		Experiência de acolhimento institucional	Relação positiva com membros da instituição	N7.1:T.C.I- Boa relação com algumas figuras de referência no contexto institucional N7.8:T.C.I- Relação positiva com a educadora N7.10:T.C.I- Relação educada com técnicos de referência
	Projeto de vida actual	Conclusão do curso	J8.12:T.C.S Fazer o curso em três anos				
Experiência de acolhimento institucional	Projeto de vida actual	Autonomização	J10:T.C.S Trabalho de autonomização com jovem J10.6:T.C.S Objetivos do projeto de vida trabalhar questão de autonomia J10.7:T.C.S Trabalho de competências e autonomização para o futuro da jovem	Experiência de acolhimento institucional	Projeto de vida actual para a jovem	Autonomização	N8.16:T.C.I- Autonomização como novo projecto de vida definido para a jovem N9.2:T.C.I- Mudança de projecto de vida em termos familiar em relação a jovem N9.6:T.C.I- Redefinição de novo projecto educativo N10.3:T.C.I- Mais intervenção no novo projecto de vida

					Projeto de vida da jovem (início)	Retorno à família de origem	N8.1 T.C.I- Possibilidade de retorno para a casa do pai
					Projeto de vida passado	Positivo envolvimento do pai	N8.2.T.C.I- Grande envolvimento do pai com os técnicos em relação ao projecto de vida da filha N8.10:T.C.I- Disponibilidade e colaboração do pai no projecto de vida da filha
					Trabalho dos técnicos e outras entidades - projeto de vida	Bom trabalho desenvolvido com família	N8.3:T.C.I- Grande investimento por parte dos técnicos na articulação com outras entidades no projecto de vida N8.12:T.C.I- Grande investimentos dos técnicos no pai em relação ao projecto de vida da filha
					Ausência da mãe no projeto de vida da filha	baixo investimento – trabalho com mãe	N8.13:T.C.I- Pouco investimento dos técnicos com a mãe em relação ao projecto de vida da filha
	Obstáculos na definição do projeto de vida	Entrado tardio na instituição	J2.5:T.C.S. Dificuldades na definição do projeto educativo adequado para os jovens na entrada tardio na instituição				
		Ausência de recursos financeiros	J2.8:T.C.S. Dificuldades na intervenção com familiares dos jovens residentes fora de braga				
Dificuldades de intervenção	Recaída	Suspensão do trabalho individualizado- antes do tempo previsto	J19.43:T.C.Saída dos jovens antes do momento previsto e certo				

	Dificuldades de intervenção o próxima com a mãe	Distância e pouco contato da mãe com instituição	J16:T.C.S Dificuldade em fazer um trabalho próximo com a mãe J16.4:T.C.S Obstáculos no trabalho próximo com a mãe				
	Avaliação do PSEI	Positiva avaliação do PSEI	J9:T.C.S Avaliação do plano positiva				
	Relação jovem família durante acolhimento	Relação jovem mãe/ distante	J13.2:T.C.S Distância e irregularidade do contato da mãe com a filha J14.4:T.C.S Pouco contacto da mãe com a filha devido a distancia J13.4:T.C.S Contato pouco com a filha por parte da mãe J13.8:T.C.S Ligação informada por parte da mãe para instituição		Interação entre a instituição e a família	Proximidade e da família no acolhimento da filha (pai)	N8.6:T.C.I- Relação muito próxima do pai no projeto de vida da filha N8.20:T.C.I- Presença constante do pai na convivência com a filha N9.:T.C.I- Figura paterna mais adequado para receber a visita da filha N14. :T.C.I- Presença constante da família no processo de acolhimento (pai)
	Falha da mãe em cumprir promessas	Incumprimento de promessas para visita da filha na instituição	J13.5:T.C.S Situação desfavorável provocada por parte da mãe em relação a filha J13.6:T.C.S Incumprimento das promessas da mãe em relação a filha				
	Envolvimento família processo acolhimento	Envolvimento neutro da mãe -	J15.6:T.C.S Passividade da mãe em todo o projecto de vida definido para a filha				
Interação entre a instituição	Relação próxima	Positivo envolvimento pai	J14.2:T.C.S Pai presente no processo educativo da filha	Interação entre a instituição e a família	Pai diariamente	Intervenção negativa do pai na integração	N3.8:T.C.I- Pai presente diariamente na escola da filha

o e a família	do pai no acolhimento da filha		J13:T.C.S Presença do pai desde primeiro dia e sempre presente J13.1:T.C.S Preocupação por parte do pai com a filha J14:T.C.S Situação muito gerida com o pai J15.3:T.C.S Iniciativa positiva do pai na relação com a filha		na escola (início)	da filha	(início)
	Acolhimento da filha	Presença pessoal do pai	J13.12:T.C.S Contato presencial por parte do pai		Expectativa irrealista do pai para filha (início)	Pai alimenta esperança negativa - sobre saída da filha da instituição	N5.5:T.C.I- expectativas irrealista quanto ao futuro da filha
		Presença telefónica (pai)	J13.13:T.C.S Contacto do telemóvel frequente do pai com a filha		Comportamento desadequado da família perante a filha	Situação familiar imprópria-transmitida a filha por parte dos pais	N5.15:T.C.I- Informações impróprias transmitida por parte dos familiares para filha
		Negativo envolvimento da mãe	J14.1:T.C.S Envolvimento distante por parte da mãe				
				Interação entre a instituição e a família	Benefícios positivos nos acompanhamentos familiares	Positivo melhoria parental	N8.11:T.C.I- Melhorias significativa das competências parentais
					Acompanhamento familiar	Resultados positivos	N8.25:T.C.I- Mudanças tanto para pai com para filha N9.5:T.C.I- Melhoria significativa do pai na intervenção familiar
Interação entre a instituição e a comunidade	Participação em atividades na sociedade	Escola pública (passado) – universidade (presente)	J17:T.C.S inscritas e matriculadas na escola de residência (passado) J18:T.C.S Estudos universitários (presente)	Interação entre a instituição e a comunidade	Participa na actividade de comunidade	Escola secundária	N17:T.C.I- frequenta a escola N17.3:T.C.I- Convivência com grupo de pares na escola

		Voluntariado	J17.1:T.C.S Participação nas atividades extra curriculares com os voluntariados		Atividades de comunidade	Voluntariado	N18.4:T.C.I- Participação nas atividades na instituição com os voluntariados
		Colônia de férias	J17.2:T.C.S Atividades como colônia de férias e piscinas nas férias			Acompanhamento psicológico individualizado	N17.2:T.C.I- Acompanhamento psicológico fora da instituição
		Saídas com grupo de pares	J18.4:T.C Participação nas atividades no contexto universitário J6.7:T.C.S Convivência com jovens fora da instituição			Catequese	N18:T.C.I- Participação na catequese
		Visitas culturais	J18.1:T.C Realização das atividades como visitas culturais praia				
Interação entre a instituição e a comunidade	Grandes vantagens no percurso de vida da jovem	Igualdade na relação com pares	J19.1:T.C Normalizar a igualdade no grupo de pares J19.4:T.C Normalização de convívio no grupo de pares	Interação entre a instituição e a comunidade	Grandes vantagens no percurso de vida da jovem	Normalização das situações	N19.7:T.C.I- Liberta um bocadinho dos problemas e benéfico para bem estar
		Novas experiências	J19:T.C – Aquisição de experiências enriquecedoras J19.16:T.C Diferença na compreensão a favor e contra do acolhimento				
		Aproximação- grupo de pares	J19.6:T.C Proporcioná-los e aproximá-los a outros jovens				
	Fragilidades dos jovens no acolhimento	Dificuldades emocionais	J1.2:T.C.S. Fragilidade dos jovens a nível emocional e a nível de saúde				
		Problemas crónicos	J2.2:T.C.S. Fragilidade dos jovens a nível dos dentes e algumas situações crónicas J2.3:T.C.S. Identificação de situações de problemas crónicas nos jovens				

	Jovens com dificuldades de aceitar a institucionalização	Ignorância da oportunidade e – proporcionado da instituição	J19.19:T.C Ignorância da oportunidade que a instituição proporciona				
		Desistência dos estudos	J19.26:T.C Desistência do curso J19.28:T.C Experiencia negativa do acolhimento				
	Dinâmicas da instituição	Horário de estudo	J2.19:T.C.S. Horário de estudo obrigatório até determinada idade				
	Permanência na instituição	Medida de acolhimento institucional	J19.37:T.C Saída da instituição aos 18 e 21 anos				
		Boas Competências cognitivas da jovem	J3.3:T.C.S. Presença de competências a nível cognitivo				
		Competência cognitiva adequado	J9.8:T.C.S Competências cognitiva dentro da média J21.4:T.C.Ausencia de dificuldades significativa				
	Aquisição de novas competências	Rotinas de vida diferente	J6.4:T.C.S Rotinas diferentes em relação a outros jovens				
		Autonomia na tarefa diária	J6.5:T.C.S Autonomia em gerir tarefas diárias				
		Liberdade	J9.14:T.C.S Permissão da liberdade J9.20:T.C.S Liberdade para recorrer a ajuda				
	Percurso escola da jovem (anterior)	Bom percurso escolar anterior	Rendimento estável J3.4:T.C.S. Recursos escolar estável J9.9:T.C.S Percurso secundária rasurável				
		Classificação escolar media (anterior)	J7.4:T.C.S Situa na média				

	Dificuldades emocionais	Frustração – momentos difíceis	J5.1:T.C.S Momentos de fragilidades a nível emocional				
	Dificuldades pessoais	Dificuldades em tomar iniciativa	J7.2:T.C.S Dificuldades em tomar iniciativa de forma autónoma				
		Dificuldades na gestão de horário/métodos de estudo	J8.6:T.C.S Dificuldades em autogestão nos horários de estudo J8.11:T.C.S Dificuldade de autogestão nos métodos de estudo				
		Dificuldade em solicitar ajuda	J9.15:T.C.S Dificuldades em pedir ajuda				
	Dificuldades na construção de laços familiares	Relação distante de avô paterno	J5.11:T.C.S Cuidados de avós paterno diferente em relação a outros netos J12.6:T.C.S Pouca vivência com avô paterno				
		Percepção negativa na relação com avo (paterna)	J5.12:T.C.S Sofrimento e percepção negativa da relação com avós				
	Percurso académico actual	Rendimento académico negativo actual	J7.6:T.C.S Rendimentos insatisfatória do primeiro ano da universidade J8.13:T.C.S Resultados académico baixa		Problema escolar actual	Rendimento escolar negativo	N3.21:T.C.I- Baixo aproveitamento escolar em relação ao ano passado N3.20:T.C.I- Dificuldades em contexto escolar N7.7:T.C.I- Acompanhamento escolar difícil N9.21:T.C.I- Baixo rendimento escolar
					Ausência de aproveitamento escolar	Retenção do ano lectivo	N8.37:T.C.I- Dificuldades do aproveitamento escolar N9.18:T.C.I- não obtenção do aproveitamento

							escolar N9.29:T.C.I- retenção do ano lectivo
		Métodos de estudo insuficiente	J8.8:T.C.S Métodos de estudos diferentes da universidade em relação ao secundário J7.7:T.C.S Esforço insuficiente nos estudos na universidade				
		Baixo Autonomia nos estudos - negativos	J7.8:T.C.S Pouco autónomo em relação os estudos universitário				
		Negativa mudança-percurso escolar profissional/universidade	J9.3:T.C.S Grandes mudanças e maus resultados da universidade J9.10:T.C.S Mudança da universidade negativa			Mudança negativa – contexto escolar	N5.9:T.C.I- Mudanças do contexto escolar
	Articulação com director de turma no secundário	Facilidade de articulação	J9.16:T.C.S Facilidade em articular situação com director de turma no secundário				
	Dificuldade no acompanhamento educativo universitário	Dificuldade na articulação com universidade	J9.18:T.C.S Acompanhamento educativo pouco sistemático no contexto universitário J9.17:T.C.S Dificuldades em controlar situações na universidade				
				Acompanhamento da jovem	Bom trabalho desenvolvido pela instituição	Melhoria significativa /positiva – mentiras	N3.13:T.C.I- trabalho desenvolvido por técnicos e diminuição das mentiras

						Acompanha mento educativo sistemático	N5.11:T.C.I Acompanhamento em contexto escolar N7.9:T.C.I- Acompanhamento educacional por parte dos técnicos N9.15:T.C.I- Acompanhamento sistemático e regular no contexto escolar	
						Acompanha mento psicológico	Positivo – acompanha mento psicológico	N5.12:T.C.I- Acompanhamento psicológico no contexto institucional N8.35:T.C.I- Orientação dos técnicos sobre os próprios objectivos da jovem
				Acompan hamento familiar	Resultado Positivo na intervenção familiar (pai)	Boa Avaliação da situação da saúde do pai	N8.4:T.C.I- Encaminhamento do pai para avaliação da situação da saúde	
					Acompanha mento técnico – família (pai)	Diminuição das expectativas irreais pai/filha	N8.27:T.C.I- trabalho realizado no sentido de diminuir espectativas irreais do pai em relação a filha	
					Intervenção com pai	Facilidade e intervenção familiar	N12.3:T.C.I- Facilidade de intervenção familiar próxima N12.6:T.C.I- Possibilidade de intervenção familiar próxima N14.1 :T.C.I- Acompanhamento frequente do familiar da jovem	
					Competênci as parentais	Melhoria significativa – competência s parentais	N8.28:T.C.I- Trabalho realizado sobre competências parentais N8.9:T.C.I- Acompanhamento do pai pela equipa técnica	
					Técnico – acompanha mento familiar	resultados positivos- acompanha mento familiar (pai)	N8.5:T.C.I- Grande envolvimentos dos técnicos na área familiar N9.4:T.C.I-	

							Grande envolvimento dos técnicos no acompanhamento familiar
Problema no ceio familiar de origem	Vive com a mãe	Pai não autónomo	J10.1:T.C.S Pai com dificuldade de autonomização J10.3:T.C.S Ausência de autonomia por parte do pai para responsabilizar a filha	Problemas no ceio familiar de origem	Problemas familiares		
	Pai desempregado	Dificuldades financeiras	J12.2:T.C.S Insuficiência do meio financeiro do pai para sustentar a filha				
	Dificuldades psiquiátricas	Pai recebe acompanhamento psiquiátrico	J10.2:T.C.S Problemas psiquiátricos por parte do pai				
	Fragilidade familiar (materna/paterna)	Ausência de resposta satisfatória em meio familiar para acolher filha	J15.1:T.C.S Falta de resposta dos pais para desinstitucionalização da filha				
	Instabilidade familiar (mãe)	Não vive com filhos	J10.5:T.C.S Desorganização familiar por parte da família materna				
	Problema económica	Problema financeira (mãe)	J14.5:T.C.S Dificuldades económicas da mãe				
	Dificuldades em estabilizar	Viagem frequente de uns pais para outro	J13.3:T.C.S Mudança frequente de residência por parte da mãe				
				Ausência de suporte futura do pai para filha	Pai desempregado	N8.17:T.C.I- Pai não é suporte futuro adequado para filha	
				Conflito familiar mãe/filha	Relação negativa da mãe com a filha	N8.7:T.C.I- Relação conflituosa da filha com a mãe N12.12:T.C.I- Relação instável e conflituosa da filha com a mãe	
				Dificuldades com álcool (pai)	Consumo de álcool (pai)	N8.22:T.C.I- Dificuldades do pai a nível de alguns consumos de álcool	
				Estilo de vida da mãe impropria em relação a filha	Estilo de vida da mãe não adequado para filha	N8.19:T.C.I- Modelos de vida e características da mãe não adequado para a filha	

					Dificuldade de autonomização por parte do pai	Irmão suporte do pai	N8.23:T.C.I- O pai tem como suporte a irmã
					pais separado (atual)	Separação	N14. 3:T.C.I- Separação dos pais
					Relação de instabilidade entre os pais	Relação conflituosa (pais)	N14. 6:T.C.I- Conflito entre os pais
Experiência do acolhimento por parte da família	Aceitação da institucionalização da filha por parte da família	Percepção positiva sobre acolhimento da filha	J12:T.C.S Família considera melhor o acolhimento para a filha J12.1:T.C. Aceitação do acolhimento a instituição por parte da família materna J12.3:T.C.S Aceitação do acolhimento por parte do pai				
	Reforço da família no acolhimento da filha	Contribuição positiva dos familiares no acolhimento	J15:T.C.S Reforço positivo da família materna e paterna para institucionalização e acolhimento da filha J15.2:T.C.S Colaboração dos pais na institucionalização da filha				
					Dificuldades psicológica da jovem	Instabilidade e psicológica	N3.18:T.C.I- Instabilidade emocional
					Dificuldades de estados emocionais	Alteração emocional frequente	N5.8:T.C.I- Mudanças constante dos estados emocionais N5.7:T.C.I- momentos de estabilidade N5.13:T.C.I- fases de grande instabilidade emocional Emocional
					Ausência de competências em lidar com emoções	Baixas competências para lidar com emoções	N5.16:T.C.I- dificuldades em lidar com emoções

					Causas de instabilidades emocionais	Problema familiar	N9.19:T.C.I-Instabilidade emocional devido a situação familiar N9.20:T.C.I-causas da instabilidade emocional N15.4:T.C.I-Estado emocional da jovem muito ligada a família
				Problemas pessoais a jovem	Relação conflituosa com a irmã	Relação negativa com a irmã na instituição	N6.3:T.C.I-Relação conflituosa com irmã no contexto institucional
					Necessidades de acompanhamento pedopsiquiátrica	Comportamento desadequado	N9.10:T.C.I-Necessidades de acompanhamento psicológica e pedopsiquiátrica com a jovem
					Revolta da jovem com familiares	Sentimento de revolta com família	N5.14:T.C.I-Revolta contra os familiares
					Preocupação com situação familiar	Não saber lidar com problemas da família	N12.14: T.C.I-Dificuldades em gerir situações difíceis da família
					Diferenças de jovens que vive em contexto institucional e contexto familiar	Rotinas de vida diferente	N20.2:T.C.I-Estilo de vida de jovens institucionalizados e não institucionalizado
					Percepção de sociedade sobre institucionalização	Visão negativa da sociedade sobre acolhimento (passado)	N20.3:T.C.I-Visão da sociedade sobre jovens institucionalizadas N20.6:T.C.I-Diferença da sociedade em relação a institucionalização dos jovens N20.8:T.C.I-percepção diferente da sociedade dos jovens institucionalizados
					Relação escola com instituição	Positiva Relação escola com instituição	N9.16:T.C.I-Relação positiva com membros da escola N20.7:T.C.I-Relação Positiva com escolas
Laços familiares biológicos maternos	Laço familiar biológico distante	Ausência de experiência de convívio com família nuclear na	J5.2:T.C.S Nunca teve família nuclear junto dela J5.5:T.C.S nunca vivenciou experiência de uma				

e paternais		infância	família nuclear J12.5:T.C.S Ausência de convivência com a família materna e paterna J14.6:T.C.S Relação distante da filha com a mãe J14.7:T.C.S Pouco convívio da filha com figura materna J14.8:T.C.S Ausência da cumplicidade de vivência de infância com família materna e paterna				
	Grande dificulda es no Convívio familiar	Experiencia de convívio familiar negativo (mãe)	J5.3:T.C.S Pouca vivência com a mãe				
	Laço com irmãos distantes	Ausência de laços com os irmãos na infância	J16.1:T.C.S Proximidade com irmãos paternos (atual)				
		Ausência de convívio com irmãos (materno)	J16.2:T.C.S Ausência de laços dos irmãos maternos J16.3:T.C.S Ausência e distância de relações com irmãos maternos				
		Filha extra conjugal	J5.10:T.C.S Fruto de uma relação que nunca teve família				
	Criação de novas expectativ as acerca da realidade	Liberdade na participação da praxe – contexto universitário	J9.5:T.C.S ilusão em termos da saída de liberdade J9.6:T.C.S Confusão de prioridades e liberdade				
	Percepção da vivencia da nova realidade	Choque da realidade (comparaçã o com outros jovens no contexto universitário)	J11.2:T.C.S Desejo de sair da instituição J11.3:T.C.S Percepção de viver com família amiga fora da instituição				
	Experienci a de nova etapa	Passa mais tempo fora da instituição	J6.3:T.C.S Experiência universitária J6.6:T.C.S Passa mais tempo na universidade que na instituição				

	Entrada universitária	Mudança	J7.5:T.C.S Passagem por grandes mudanças J8.7:T.C.S Mudança do secundário para universidade J9.7:T.C.S Diferença e do secundário para universidade				
	Diferença do contexto institucional e familiar	Convívio diferente	J9.4:T.C.S Diferença do contexto institucional e ambiente familiar J19.2:T.C Diferença de jovens que vive em contexto institucional e familiar				
		Estilo de vida diferente-grupo de pares-universidade	J11.1:T.C.S Percepção do estilo de vida diferente em relação a amigas universitário				

Tabela de categorização professor caso sucesso/insucesso

Percurso escolar sucesso J				Percurso escolar insucesso N			
Categorização 3ª ordem	Categorização 2ª ordem	Categorização 1ª ordem	Códigos	Categorização 3ª ordem	Categorização 2ª ordem	Categorização 1ª ordem	Códigos
						Insucesso escolar	N1.E.P. Retenção do ano N1.2.E.P.Resultado escolar baixa
						Sucesso escolar	N1.3.E.P.Aproveitamento escolar
Experiência universitária	Percurso acadêmico actual insatisfatório	Experiência negativa	J3.8.P.E.Experiência da universidade pouco positiva	Experiência escolar - Percurso escolar (atual)	Dificuldade de relação com a turma-	Ligação negativa com turma	N4.1.E.P. Ausência de ligação com a turma
	Dificuldade-método de estudo	Método de estudo pouco sistemático (actual)	J4.6.P.E. Métodos de estudo diferente do ensino regular		Ponto de vista diferente da turma	Baixo interesse em relação a turma	N4.3.E.P. Interesse diferente em relação a turma N6.2.E.P. Interesse diferente em contexto escolar
	Grande diferença universidade/secundário	Choque negativo-secundário em relação a universidade	J4.3.P.E. Diferença grande entre o secundário e a universidade			Aceitação mútua da turma-situação	N4.2.E.P. Gosto mutua com colegas da turma N8.2.E.P. Aceitação mutua sobre a situação da na turma
		Pouca responsabilidade – estudo universitário	J4.5.P.E. Mistura de responsabilidade em relação aos estudos				
					relação com os professor/escola	Relação positiva da jovem com a escola /professor	N5.E.P.Relação boa e positiva com professores N6.E.P. Ausência da estigmatização

				Interação positiva escola/instituição	Boa relação entre escola e instituição	Relação positiva	N6.1.E.P. Boa relação com a escola N7.1.E.P. Boa relação entre membro da escola com a instituição
						Ausência de obstáculo	N7.E.P. Ausência de obstáculo entre escola e instituição
					Comunicação sistemática escola/instituição	Funcionamento positivo escola/instituição	N9.1.E.P. Comunicação semanalmente entre a escola com a instituição N9.2.E.P. Bom funcionamento entre a escola com a instituição
					Articulação escola/instituição	Articulação positiva escola/instituição	N9.E.P. Boa articulação com lar de acolhimento
					Relação com a comunidade	Contribuição positiva da escola na integração da jovem	N8.E.P. Interesse por parte do membro da escola em explicar a turma da melhor forma a situação N8.1.E.P. Esclarecimento da situação na turma N8.3.E.P. Mesma colega de turma N10.2.E.P. Interesse em ajudar
					Boa integração da jovem (anterior)	Integração positiva na escola (ano anterior)	N2.E.P. Integração positiva com a turma
						Aceitação de alunos sem diferenças	N10. E.P. Interesse em todo o tipo de aluno N10.4.E.P. Procura resolver de forma igual
					Situação emocional dos professores	Casos afeta estado emocional	N10.1.E.P. Os casos afectam emocionalmente N10.3.E.P. Caso que vai acompanhar pela vida
					Dificuldade de integração na escola (atual)	Conflito com a turma	N2.1.E.P.Desentendimento com a turma
					Integração actual da jovem na turma	adaptação negativa na turma	N2.2.E.P. Dificuldade na integração com a turma.

							N.8.4.E.P. Integração negativa com a turma
						Motivação negativa na turma	N3.E.P. Baixa motivação N3.1.E.P. Desmotivação no decorrer do ano letivo
	Bom comportamento na escola	Comportamento positivo na escola	J.2.5. P.E. Não apresenta problema de comportamento na escola nem falta disciplinar J.2.5.P.E. Apresenta sempre comportamento estável e adequado				
Experiência positiva do percurso escolar anterior	Percurso escolar anterior (anterior) estável	Integração positiva na escola anterior	J1.2.P.E. Informações recebidas de uma boa integração/adaptação na escola que frequentava J1.4.P.E. Ausência de mudança da escola anterior				
	Aproveitamento escolar na média (Passado)	Rendimento escolar positivo(anterior)	J3.12.P.E. Jovem que situa na média J1.8.P.E. Notas situado dentro da média				
	Permanência no mesmo contexto escolar	Referências positiva na escola passada	J1.5.P.E. Permanência no mesmo contexto escolar anterior J1.6.P.E. Valorização por parte dos técnicos em relação a escola anterior				
	Boa integração na escola	Integração positiva na escola anterior	J1.7. P.E. Integração e adaptação na escola anterior				
	Jovem sem dificuldade de aprendizagem - passado	Capacidade escolar - positiva	J1.9.P.E. Ausência da dificuldade de aprendizagem				
	Horário de estudo- passado	Método de estudo adequado	J4.1.P.E. Horário de estudo de acordo com o tempo disponível				

	Assuidade na escola - passada	Jovem com assuidade	J2.3.P.E.Assuidade a nível escolar J.2.4.P.E. Não falta as aulas				
	Bom percurso escolar passado	Aproveitamento escolar positiva em todos anos	J1.11.P.E. Passagem sempre de ano letivo no percurso escolar				
		Um nível negativo (nono ano)	J2.2.P.E. Passagem de ano letivo com um nível negativo (nono ano)				
		Dois módulos negativo-10º ano	J2.18.P.E. Dois módulos em atraso no décimo ano do ensino profissional				
		Media positiva no ensino profissional	J3.P.E. Média dos últimos três anos (10º, 11º e 12º) fica entre 3 e 4.5 valores J3.1.P.E. Boa média no estágio J3.1a.P.E. Média das disciplina 13.14 J3.1b.P.E. Média final de estágio 17.2				
	Percurso escolar profissional (anterior)	Dificuldade e em matemática (anterior)	J1.10.P.E. Dificuldades na disciplina de matemática				
	Tipo de ensino (anterior)	Escola profissional	J2.8. Opção na escolha do ensino profissional J4.P.E. Frequentava curso profissional e estudava mais dentro da instituição				
Orientação vocacional	Apoio vocacional na instituição (anterior)	Escolha do curso	J2.10. P.E. Orientação vocacional na tomada de decisão sobre o que quer fazer J2.11. P.E. Fala no curso de direito J2.12. P.E. Ambição de entrar na universidade J2.14.P.E. Sugestão de curso que pode conseguir média				

			para entrar na universidade J2.15.P.E. Escolha de curso mais teórico sem a matemática J3.3.P.E. Conversa por parte dos técnicos na decisão do curso para entrada na universidade J3.4.P.E. Escolheu o curso de consultadoria (atual)				
	Formas de estudos pouco adequado (actual)	Método de estudo negativo	J5.4.P.E. Gere situação/tempo de estudo própria J5.5.P.E. Autonomização da liberdade nos estudos				
	Formas de estudo atual	Estudos mais fora da instituição	J5.3.P.E. Faz o estudo mais fora				
		Pertinência do curso (atual)	J5.7.P.E. Gosta do curso 8.P.E. O curso corresponde a segunda opção				
	Apoios por parte da instituição	Grupo de apoio na instituição	J5.19.P.E. Disponibilidade por parte de grupo de apoio				
	Rendimento académico (atual) baixo	Rendimento académico negativo – aproveitamento numa cadeira 1ª semestre	J3.9.P.E. Uma cadeira feita no primeiro semestre J5.2.P.E. Resultados muito baixa no primeiro semestre				
	Baixo rendimento académico	Aproveitamento em 3 disciplinas no ano	J6.21.P.E. Aprovação em três disciplinas no ano lectivo				
	Não aproveitamento do ano letivo	Retenção do ano lectivo	J6.20.P.E. Retenção do ano lectivo				
	Articulação da situação académica com os técnicos na instituição	Controlo negativo da situação académica por parte da jovem	J5.P.E. Jovem partilha situação no sentido que está tudo controlado				
Percurso académico pouco sistemático na articulação	Percurso universitário diferente do percurso profissional	Impacto negativo em universidade	J4.3.P.E. Diferença grande entre o secundário e a universidade J5.10.P.E.				

ção com instituição			Escola secundária diferente da universidade quanto as articulações				
	Atributos universitários	Regulamento da universidade	J3.11.P.E.Limites de créditos e cadeiras em atraso J5.16.P.E.Limites de créditos obrigatória que deve alcançar				
Dificuldade na gestão do horário de estudo (presente)	Dificuldades pessoais (actual)	Baixa competência de autonomia	J2.16.P.E.necessidade de acompanhamento e trabalhar as competências de autonomia e gestão de estudo				
		Dificuldade na orientação autonomia	J3.15.P.E.Precisa de orientações a nível de autonomia, métodos de estudo e decisões				
		Baixa iniciativa	J3.16.P.E.Precisa mais iniciativa para resolver as coisa				
		Competências cognitivas adequados	J3.13.P.E.Apresenta competências cognitivas de acordo com a faixa etária J3.14.P.E.Não apresenta lacunas J5.6.P.E. Idade suficiente para responsabilizar os estudos				
Interação com grupo de pares (atual)	Aquisição de novas experiências	Impacto negativo da nova realidade	J4.4.P.E.Impacto/mudança no grupo de pares diferente e vivência na instituição				
		Praxe – contexto universidade	J4.5.P.E. Vivência e experiência da praxe				

		Integração positiva grupo de pares - universidade	J5.9.P.E. Boa integração a instituto e grupo de pares				
	Acolhimento na instituição actual	Acolhimento prolongado na instituição (última)	J1.1. P.E. Entrou aqui em Julho de 2009				